

A

860,196



le



# O POEMA DA MISERIA







Candido delgmeire.

O

# POEMA DA MISERIA

CANTICOS E THRENOS

POR

**CANDIDO DE FIGUEIREDO**

---

COIMBRA  
LIVRARIA POPULAR—EDITORA  
1874

869.8  
F469 pn

**COIMBRA—IMPRENSA COMMERCIAL E INDUSTRIAL.**

63.275054

25  
1932

AOS

# MISSERAVES

CONSAGRA  
ESTAS PAGINAS

O AUTOR



## **INTRODUÇÃO**



Genio! dilecto filho da verdade,  
eterno campeador das leis eternas,  
que os espaços e os seculos governas,  
incarnaçāo talvez da divindade;  
tu, que no longo caminhar da historia  
tens levantado marcos milliarios  
por celebrar vasios cinerarios  
onde passou o gladio da victoria.;

tu, que tens construido altas peanhas  
em que os guerreiros das passadas eras  
mal escondiam o odio das pantheras  
sob as memorias de ideais façanhas;  
genio ! tu, que exalcaste o nome e a fama  
dos Shás e de Rámá, de heróe troiano,  
e de quantos o cego culto humano  
em aras e pantheons memória e acclama:  
dize-me—onde é que se escondia acaso  
o povo que não viste e que olvidaste ?  
porque, através dos tempos, o julgaste  
para os aromas teus impuro vaso ?  
porque o não levantaste da poeira  
em que o pé dos heróes e esmigalhava,  
e em que se contorceia a raça escrava,  
comprimida por férrea gargalheira ?

Li Valmiki, Firdúsi, e li Homero,  
Virgilio, e o meu Camões, e os trovadores,  
e os cantos de escurris aduladores  
que incensavam dos reis o vulto austero.

E no recesso da alma solitaria  
estalou-me um gemido longo e crebro,  
por ver malditos o felláh, e o guebro,  
e o servo dos heróes, e o ilota, e o pária !  
A face afogueou-se-me de pejo,  
pelo desprezo a que votaste, oh genio,  
os interlocutores de Menenio,  
que se elevaram, no mais nobre adejo ,  
por sobre o esterquilinio nauseante  
em que o patricio e o senador romano  
se rebolcava senhoril e ufano,  
á sombra dos laureis da Roma ovante !  
Fez-me vergonha a grande voz da historia,  
que de Alexandre eternisou o nome  
e não disse uma vez :—Jacques Bonhomme,  
partilha dos heróes a justa gloria !—  
Senti que a dor me lancinava o peito,  
quando vi que da historia o ingente brado  
deixava em sombra escura o desherdado,  
o que é faminto e o que não tem um leito !

Nunca tiveste, espesinhado povo,  
quem te arrancasse ás trevas desse olvido  
e instillasse em teu seio dolorido  
confôrto, bençam, luz de um dia novo !  
Mas... não importa ! ás grandes epopeias  
contrapões tu, perante o heróe que passa,  
o poema infinito da desgraça,  
rico de profundíssimas ideias ;  
poema tinto em sangue de innocentes,  
doirado pelos raios da esperança,  
raios fagueiros que a justiça lança  
na escuridão dos mártires e crentes.

Traçaste com teu sangue o teu poema ;  
cobriste cada estrofe com teu pranto ;  
quando surgiu o Christo, ergueste um canto,  
sobre as Piramides gravaste um lemma ;  
e oíço ainda o gemido rude e triste  
que para sempre reboou no espaço,  
quando os sangrentos arraiais de Crasso  
o pé te falsearam e caiste.

Aquella grande estrofe,—a Jacqueria,—  
arrebata de dor e sentimento ;  
e, a cada instante, um sublimado accento  
ergues na tua dolorosa via.

Admiro o teu poema, povo obscuro ;  
andei deletreando-o, folha a folha,  
e, por que o meu espirito o recolha,  
recompol-o na integra procuro...

Meu canto é para ti, mártir sublime !  
Nas horas longas da estação gelada,  
tenho escutado a queixa amargurada  
da mãe que ao seio os filhos nus comprime.

Tenho visto a miseria confundida  
nos puros osculos do amor materno,  
e tenho visto na caudal do inverno  
arrastada a cabana derruida.

Tenho pensado no profundo estigma  
que a fome crava em faces macilentas ;  
e, do futuro ás portas nevoentas,  
tenho implorado a solução do enigma.

Tenho visto os prostibulos patentes,  
como voragem negra e irresistivel,  
onde o anjo do mal, anjo invisivel,  
num sopro extingue luzes esplendentes.

Tenho ouvido no esconso da caserna  
os murmúrios pungentes do soldado ;  
e os condoidos olhos mergulhado  
nos misterios do jogo e da taberna.

Intelligencias nobres afogadas  
no fel da corrupção e da ignorancia ;  
cuspido o velho ; desvalida a infancia ;  
a mentira e a doblez galaroadas ;  
da officina ao bordel, perdida a féria ;  
prostrada a turba ás plantas do argentario ;  
morto de aspirações o proletario  
na mansarda insalubre da miseria :  
são as imagens que tu, povo, estampas  
na necrópole immensa em que a desgraça  
tantos estira e friamente abraça,  
como um vampiro a doidejar nas campas.

E estas imagens surgem fantasiosas,  
descerram alta noite as minhas portas,  
e conversam comigo a horas mortas,  
no meu leito espargindo pranto e rosas.

Meu canto é para ti, mártir sublime !  
Tu hás de compreender o amor immenso

que do seio me brota quando penso  
na escura noite que a tua alma opprime !

Tu hás de soletrar cada palavra  
onde a justiça, e o amor por ti, ressumbre ;  
e hás de achar em meus brados um vislumbre  
do incendio enorme que em teu peito lavra.

Não vou pisar os fofos pavimentos  
dos felizes, dos fátuos e dos grandes,  
a cujas portas, de continuo, expandes  
imprecações e preces e lamentos :  
nunca a falsa grandeza em seus caminhos  
me encontrou genuflexo e reverente ;  
— a minha musa é nobre e independente,  
ama os andrajos, calca pergaminhos.

Se algum eco disperso destes cantos  
fosse espriar-se nos salões doirados,  
aonde nunca chegat os teus brados,  
e onde não há quem te recolha os prantos,  
minhas vozes seriam tão funestas,  
tão malditas no seio da ventura,  
como a legenda que, fatal e escura,  
surprehendeu Balthazar em suas festas.

Meu canto é para ti, mártir sublime !  
Chamam-te ocioso e débil os avaros ;  
julgam-te ignaro e vil os vis e ignaros,  
e ultrajam-te os idolatras do crime ;  
se te accendem a febre do delírio,  
nomeiam-te assassino os que te esmagam ;  
e, quando os lustres nos salões se apagam,  
pisam, na sombra, a cruz do teu martirio.  
E eu quero, em teus momentos de amargura,  
dar-te o confôrto de uma voz amiga,  
e o balsamo suave que mitiga  
no teu colmado a tua dor obscura ;

quero — um protesto erguer contra os injustos  
que te expulsam de seus marmóreos paços,  
e que abrem um sorrir, cruzando os braços  
diante do teu leito de Procustus;  
quero — desenrolar o teu sudario  
por sobre os quatro angulos da praça,  
e levar os clamores da desgraça  
ás portas do opulento e do usurario.

Não ergo a vista ao solio resplendente  
onde a humana ambição pleiteia glorias:  
ao paginar teu livro de memorias,  
*eu, desta gloria só, fico contente.*

---



## NOVA MUSA

Tu que, avoejando á immensidão dos ares,  
cantas de amor em páramos distantes,  
e habitas nesses mundos coruscantes,  
— ilhas de luz em bonançosos mares ;

estende sobre a terra os teus olhares,  
deixa a região das aguias triunfantes,  
e presta ouvido ás queixas laciniantes  
que soam, cada hora, em nossos lares.

Sólta o verbo de apostolo, poeta ;  
lança ao porvir um brado de profeta ;  
dá luz á sombra e espirito á materia !

Feriu-se a luta em baixo ! Desce, e escuta !  
seja parnaso a choça ; gloria, a luta ;  
pallida musa, o arcanjo da miseria !

---

## HISTÓRIA VULGAR

— Sentada ao pé dessa esquina,  
andrajosa, semi-nua,  
¿não sentes fria a nebrina,  
frias as pedras da rua?

— Sinto.

— E que fazes então,  
por estas noites sombrias?

— Senhor, estendo as mãos frias,  
pedindo agasalho e pão.

..

— Aqui é tudo deserto;  
alevanta-te da lama  
e procura abrigo certo.  
— Não tenho casa nem cama.

— Ergue-te ao menos.  
— Não posso;  
quebra-me o corpo e cançasso;  
a fome prende-me á terra,  
o frio tolhe-me o passo.

— Pobre mendiga ! No mundo  
não tens carinhos de māi ?  
de irmãos o affecto profundo ?  
não tens familia ?

— Ninguem !

— Pois nesta vida de espinhos  
nunca achaste, desgraçada,  
a flor dos doces carinhos,  
o perfume do amor ?

— Nada !

— E nem ás vagas escuras  
da vida, mar inquieto,  
num momento de venturas  
confiaste o teu affecto?

— Confiei, oh! confiei !  
a serpe da seducçao  
adormentou-me, e acordei  
no abismo da perdição.

— Mas desse abismo de horror  
podia salvar-te o brilho  
de uma lagrima de dor  
ou de um sorriso de um filho !

— Perdão, senhor! esse nome  
vem agravar a ferida  
que jorra sangue na historia  
da pobre mulher perdida.

— Tiveste filhos ?

— Um tive,

mas... deixai que mais não diga!

— É morto?

— Não sei se vive,

mas... dai esmola á mendiga.

— Que fizeste de teu filho ?

— Fiz o que fazem aquellas  
que, sendo impuras, procuram  
mostrar-se honestas e bellas.

Que era māi reconheci ;  
mas o ser māi era crime  
que só o crime redime;  
com outro crime o remi.

Tomei meu filho nos braços,

(sorria a criança nua!)

dei para fóra dois passos,

e expul-o á porta da rua.

Em quanto eu estremecia  
entre cruel e medrosa,  
a criança desditosa  
abraçava-me, e sorria.

Perdi meu filho. A clemencia  
fugiu do seio materno;  
mas a clemencia de Eterno  
abeirou-se da innocencia;

e, dispensando-lhe afagos  
de caridade e de amor,  
velou de miseria e dor  
os meus dias aziago\$.

— Esmaga-te a expiação ?  
que admira, se Deus não dorme !  
nunca falta a um crime enorme  
o estigma da maldicção !

Tu sabes o que é um filho.  
nos braços de sua māi ?  
sabes de cifras que abranjam  
todo o valor que elle tem ?

A criança que no mundo  
recebe a primeira luz,  
vendo o misterio profundo  
que a teus peitos o conduz,

é cadeia diamantina  
que religa a māi ao pai,  
cadeia que a māi ferina  
pode espedecer num ai.;

é uma gota de néctar  
que do seio do infinito  
orvalha uns labios unidos  
por um ósculo bemdito.

Se ergues delle os olhos teus,  
desvia-l'os deshumana  
de um pensamento de Deus,  
incarnado em fórm'a humana.

E teu filho, só, sem māi,  
abandonado, perdido,  
é quasi sempre um bandido,  
quasi nunca um Girardin !

Vós, māis, sois a estrella d'alva  
para quem entra na vida ;  
se a luz vossa nos não salva,  
quem nos há de dar guarida ?

Que será de quem, nascendo,  
cái nas lages da cidade,  
e recebe amparo estranho,  
á sombra da caridade ?

O coração, a scentelha  
que lhe empresta o Creador,  
há de apagar-se nas trevas,  
sumir-se á mingua de amor.

E o homem, tornado fera,  
não terá para ninguem,  
carinhos que não tivéra  
nos braços de sua māi.

E aquella alma solitaria,  
em perpétuo paroxismo,  
irá de abismo em abismo,  
à mercê da sorte vária.

Eis o teu crime! Expiando-o,  
de teu filho te hás lembrado;  
tu, desfimhando de fome ;  
delle... morto, ou desprezado !

À māi, que em seio impolluto  
recebeu o sol do amor,  
disse Deus : pallida flor,  
abençoad o teu fruto !

Foste surda á voz celeste  
que em ti se repercutira :  
seduziu-te a van mentira  
e a flor e o fruto perdeste.

E não tens hoje um esteio  
porque o quebraste, mulher !  
ninguem no mundo te quer,  
ninguem te aconchega ao seio !

Ninguem ? Se tens muita fome,  
se a noite é fria e sem brilho,  
se o remorso te consome,  
ergue-te... Serei teu filho!

Não respondes ? pois não crês,  
não tens fé na voz amiga ?  
Já me não ouves talvez ?  
Morreste ! Pobre mendiga !



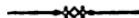
## **SOL ENTRE NUVENS**

**Entrei ao aposento da miseria,  
infecto ergastulo, humido e sombrio.  
Através do colmado o norte frio  
gelar viera as cinzas do larario.**

**Negra a fome esgotara a escassa féria ;  
e vi mulher franzina definhando,  
face colada ao rosto miserando  
do triste proletario.**

Num recanto da lóbrega morada,  
ao fundo desse quadro, em tela escura,  
projectava-se um raio de esperança...

É que, a annuncios de proxima alvorada,  
ao lado da miseria e da amargura,  
sorria uma criança.



## UM GRUPO

### I

Eu tenho á cabeceira do meu leito,  
não um poema como o heróe antigo,  
mas dois retratos que em convivio estreito  
conversam alta noite a sós comigo.

Às vezes, quando a insónia me descerra  
os palpebras cançadas,  
contemplo essas imagens adoradas  
de seres que não vejo sobre a terra.

São dois vultos que vivem na memoria  
das gerações libertas dos tirannos,  
e que só morrerão quando os gusanos  
carcomerem as paginas da historia:

Um, chama-se Espartaco; o outro, Bonhomme:  
mártires ambos, ambos torturados,  
da oppressão entre os braços bronzeados,  
da deshonra e da fome.

## II

Espartaco sentiu profundo o travo  
do fel de escravidão:  
tentou um golpe nos grilhões do escravo,  
e resvalou exanime no chão.

Caiu vencendo! O sangue da valente  
foi para a humanidade  
uberrima semente  
de luz e liberdade.

Os séculos branqueiam as ossadas  
das vítimas de Crasso;  
mas dentre essas necrópoles caladas  
hирto se eleva de Espartaco o braço ;  
  
marco erguido nas sombras do passado,  
mostra bem alta uma legenda eterna:  
— Protesto !—eis o que lê, passando ao lado,  
a geração hodierna.

### III

Protesto!—é a bandeira levantada  
no braço de Bonhomme,  
quando elle expande a máguia que o consome,  
vendo a sua cabana incendiada;

quando os algozes vis da liberdade  
lhe violam a filha estremecida,  
e assolam e devastam sua herdade,  
e apagam á consorte a luz da vida.

A dôr fez-te gigante !  
ergueste a consciencia recalcada,  
e caminhaste á ante,  
soltando a voz qne ainda hoje brada !

## IV

Alçai a fronte nobre,  
filhos augustos de uma era ingrata;  
e possa herdar de vós o escravo e o pobre  
a força que elevanta e que resgata.

Aos vossos cinerarios,  
cobertos de sarcasmo e esquecimento,  
vão hoje em romaria os proletarios,  
para adorar o santo monumento ;

e vão os opprimidos,  
os párias, os ilotas, o engeitado,  
famintos, mal vestidos,  
dar-vos o preito que vos foi negado.

E estes romeiros, este povo mixto,  
irão salvar do olvido a vossa gloria,  
como o Bouillon da historia  
foi libertar o tumuló de Christo.

## **GILBERT NA MISERIA**

**(MUSICAS AGRESTES)**

**O genio rasteja e morre,  
quando não tem asas de ouro...**

**GILBERT.**

**Aguia, que os astros topetas  
sem que o mundo te condene,  
¡ não ergueres os poetas  
aos mundos de luz perenne !**

O genio, que doira a terra,  
é perseguido e maldito,  
e em mil labirintos erra  
à procura do infinito.

Dei luz, e deram-me a noite ;  
dei amor, dão-me rancores ;  
do mundo o barboso açoite  
retalhou-me a alma de dorés.

Às vezes cantar procuro,  
relembrando tempos idos,  
e ao céu inclemente e escuro  
sobem meus cantos perdidos.

Cantar ! e será um canto  
esta voz tão triste e rude  
que eu a revêzes levanto  
sobre o quebrado alaúde ?

Cantar! mas quem acharia  
um seio compadecido  
que respondesse á harmonia  
do triste canto perdido?

Não canto!—esta voz agreste  
é aquilão no deserto,  
murmúrio de algum cipreste,  
gemer de abismo entre-aberto.

Quando a nocturna rajada  
açoita e vérga as ramagens,  
faz-me lembrar a toada  
destes cantares selvagens.

Quando de pé sobre as fragas  
vejo o mar enfurecido,  
comparo o gemitu das vagas  
com o meu fundo gemido.

Quando o grito da serpente  
as florestas apavora,  
traz á ideia a voz plangente  
que eu levanto em cada hora.

Quando do pó das quimeras  
eu ergo um lamento, um brado,  
penso que rugem as feras  
em volta de meu colmado.

Meu canto sombrio iguala  
voz de passaro agoirento,  
ou a tormenta que estala  
no seio do firmamento.

Cantar ! e será um canto  
esta voz tão triste e rude  
que eu a revézes levanto  
sobre o quebrado alaúde ?

---

## VISÕES DE UM CRENTE

Gemia o proletario. O anjo da piedade  
bateu-lhe um dia á porta, entrou e consolou-o :  
leva calor e vida áquella soledade,  
expulsa a fome e o frio, e apóis levanta o vno.

E não voltou ali ! — talvez que os seus afagos  
andassem visitando ao longe outra guarida !  
E o pobre aguarda em vão : devora a largos tragos  
o fel do desalento em vez do pão da vida.

Velava Deus por elle, e Deus do desvalido ;  
e lança-lhe na mesa o fruto apetecido  
que a justiça creára ao sol da consciencia !

Foge a miseria atroz, condenação tremenda ;  
e nos umbrais da choça abriu-se este legenda :  
— É morto o deus do mal ; resurge a Providencia ! —



## **SAUDAÇÃO**

(À entrada de uma biblioteca popular)

Eis-nos do sacrario às portas!  
Intrompe a aurora vivaz,  
e as sombras dormem aí traz  
no pó das gerações mortas!

Ao cego quem disse —vê—?  
Quem disse ao povo —caminha—?  
Quem abraça e acarinha  
o que não ama nem crê?

Responde a voz da sciencia,  
calando no coração  
dos que levantam a mão  
aos mundos da intelligencia !

E o sol, que apontando vem,  
precursor de um dia novo,  
espalha por sobre o povo  
toda a luz que em si contém !

E de luz será banhado  
o Moisés que há de surgir,  
por nos guiar ao porvir,  
salvando-nos do passado.

Guerra ás trevas, gloria á luz !  
bençãos ao sol que alumia  
o povo que não tem guia,  
e a novo eden o conduz !

Ba campa gelada e muda  
De Franklin, surge uma voz :  
— A ignorancia é teu algoz !  
povo, pensa ! povo, estuda ! —



## NA SOMBRA

Quem me diria, ó pallida Dolores,  
que os perfumes da tua mocidade  
haviam de evolar-se como as flores  
cortadas pela mão da tempestade ?

Levou-te o gêlo os prístinos viçores,  
e um frio tumular teu seio invade ;  
desconheces os candidos amores,  
não sentes esperança nem saudade.

Choras ? ninguem condena as tuas lagrimas,  
e eu abençõo a lagrima que inunda  
a desempenhada flor do tamarindo.

Soffram anáthema pesado e infido  
os que te lançam na voragem funda,  
e que passam além, cantando e rindo.



## O ESQUECIMENTO

É pobre e é pai. Abrasa-se na febre,  
naquella febre que a miseria ateia.  
Caminha triste, e pára ao fim da aldeia,  
á porta de um casebre.

É negra a frontaria.  
Há nos umbrais um ramo de loireiro ;  
e os vapores da orgia  
lançam cá fóra nauseante cheiro.

E elle entra (sôfrego). A alegria inunda  
as faces sensuais da taberneira,  
que, num recanto da locanda immunda,  
se sorri prazenteira.

Há umas cartas velhas, encebadas,  
ao pé dos cangirões.

Säem de um canto glaciais risadas,  
e de outro... imprecações.

Perto de uma guitarra que inda geme  
nas mãos do adormecido tocador,  
a candeia de ferro oscilla e treme  
pendurada no antigo velador.

Um grupo de caturras temulentos  
alguns vintens arrisca,  
jogando a velha bisca  
no meio dos comparsas sonolentos.

— Logar ao recem-vindo,— diz alguém.  
 O recem-vindo abeira-se ao balcão,  
     empunha um cangirão,  
 e bebe, e diz : — Quero jogar tambem.—

E jogou. E perdeu.

— Olá, parceiro,  
 se há fraqueza, dão força estes toneis...  
     Resta-me algum dinheiro...  
 Fiquem os dedos, percam-se os anneis.—

E tornou a jogar.

— Tórno a perder,  
 se esta sota de paus, magrinha e triste,  
 que parece... talvez minha mulher,  
 aos azares da sorte não resiste.

E perdeu, outra vez.

— A sorte é bem cruel ! mas... Cambaleio !...  
 Venha de lá mais um quartilho cheio.  
 Quem perdeu duas vezes, perde tres.

Dois trânsos ! e este az de oiros é bonito !  
 rosado ! Faz lembrar  
 o meu José, aquelle pequenito...  
 Vai-me fazer ganhar.

E perdi ! E há quem diga, se me afundo  
 no abismo que se cava ao pé de mim,  
 que a mulher e a criança são no mundo  
 anjos da guarda. Historias ! Mas emfim... —

E adormeceu na ourela do balcão.  
 E em ermo albergue a esposa unia ao peito  
 faminta prole ; e, nesse amplexo estreito,  
 dava em amor o que faltava em pão... .

Um dialogo, no entanto, se derrama  
 pelo espirito do ebrio sonolento :  
 — Quem és ?

— Um pária.

— Que vés tu ?

— A lama.

— Que procuras ahi ?

— O esquecimento...

## **ROMANCE DE UM PROLETARIO**

### **PRIMEIRA PARTE**

Era gentil e moç. A face reflectia  
os vagos arrebóes do mais sereno dia.  
Fronte arqueada e nobre, e cortuscante o olhar,  
deixava adivinhar  
a luz interior, e a chammá intensa, viva,  
de uma alma grande e altiva !

Nasceu em pobre berço, e, quando elle nasceu,  
 a pallida miseria os braços lhe estendeu,  
 sorrindo carinhosa ao seu dilecto filho,  
 e abrindo-lhe ao diante o pedregoso trilho.

O filho da miseria o seu caminho olhou,  
     e recuar tentou :  
     sentou-se, anno após anno,  
 á mesa do trabalho em porfiar insano ;  
 e, quando a madrugada o surpreendia ali,  
 elle sentia a esp'rança e renascer em si !

Ai, feiticeira esp'rança,  
 quantas vezes não és um sonho de criança !  
 quantas vezes não vens abobadar uns céus  
     por cima de escarcéus,  
 e, após um só momento, ouve-se um paroxismo  
     nas trevas de um abismo !

Ludibriou-o a esp'rança ! O pobre sonhador  
 não encontrava nunca o maternal amor  
 que a sorte, a plenas mãos, dispensa ao que viera

gosar em berços de oiro a flórea primavera  
daquelle paraíso alegre e festival,  
onde se sente o bem, e onde se ignora o mal.

Nas sombras daquella alma, oppressa de amargura,  
a subitas passou um raio de luz pura,  
— relâmpago fugaz que rompe escuridão,  
mostrando, ao que naufraga, a luz, a salvação.

Era a scintelha santa

que os peitos juvenis abrasa, alenta e incanta !  
Gilberto olhou os céus, o livro do Senhor,  
e viu, em letras de oiro, as sillabas do—amor!

— Quem sabe se esta angústia, (a sós elle dizia),  
quem sabe se esta angústia acabará um dia !

Da via-sacra ao fim,  
talvez me salve a luz que entornem sobre mim  
uns olhos de mulher, sublimes, redentores,  
olhos que abrem o céu, olhos que apagam dores ! —

Na mente lhe esvoaçou esplendida visão,  
que, abrindo o céu azul, vinha estender-lhe a mão.  
E, acreditando ouvir o frequido suave  
que deixam no arvoredo as asas de alguma ave,  
olhou em derredor  
e viu a mulher-anjo, o braço salvador !

Olimpia era formosa, e triste, e sonhadora ;  
choravam-lhe na voz os sons de uma *dolora*  
do vate castelhano ; em seu celeste olhar  
revelava o condão de um anjo tutelar ;  
e, no sereno rosto e tristemente vago,  
fazia recordar a limpidez de um lago,  
que espelha cristallino o pallido clarão  
de branda lua cheia em noites de verão.

Nos cílios de setim pendiam-lhe constantes  
pingentes de cristal e perolas brilhantes ;  
era um collar partido : os fios de setim,  
lançavam cada bago em conchas de marfim.

Gilberto era poeta; e, ao ver a estranha diva,  
 curvou por um momento a fronte pensativa  
 e timido enviou á apparição gentil  
 os ecos mais fieis do seu sonhar febril:

## I

— «A máguia te humedecê  
 as setinosas faces!  
 Talvez que não chorasses,  
 se eu consolar pedesse...

Mas ouve a minha prece;  
 se em erma sepultura  
 quizeres, alma pura,  
 spargir saudosas flores;

se na seidão bendita,  
 onde a tristeza habita,  
 chorar sózinha fôres:

procura um seio amigo,  
— chama-me, e irei contigo  
chorar as tuas dores.

## II

Como esmaizada lampada  
que, em solitaria egreja,  
afroixa á mingua de óleo,  
e trémula vasqueja :

tua alma,—luz que admiro,—  
batida pelo vento,  
esvai-se num suspiro,  
junto a feral moimento !

E, quando absorto penso  
que a mesma noite enluta  
os mesmos corações,

minha alma a tua escuta,  
e eleva-se no incenso  
das tuas orações !

## III

Mal esmorece o dia,  
a dor teu seio invade,  
e embala-te a poesia  
nos braços da saudade.

Nessas visões nocturnas,  
não vês a sombra amiga  
que ás lagrimas diuturnas  
o travo te mitiga ?

Sou eu, què espero supplice  
a luz que não lobriga  
nas trevas de quem chora !

Sequem-se enfim as lagrimas!  
acorda, e vem comigo,  
que já desponha a aurora! ---

### SEGUNDA PARTE

Olympia ouviu os cantos  
onde transparecia o brilho de seus prantes.  
Sentou-se ao pé do triste, e abriu-lhe num sorriso  
as portas do porvir.

O amor choveu a fluxo no seio aventurado  
de par o mais amado,  
do par, que por feliz, e muito amar e crer,  
não era mais que um ser.

Sorriu a primavera ás almas namoradas;  
e, a cada repontar de róseas alvoradas,  
saudava a luz Gilberto a recuar por felizes  
seus extases de amor em cantos juvenis.

Sua alma diffundiu nas páginas brilhantes  
de um livro que ao depoia em horas lancinantes,  
arremessou ao fogo. Algumas que eu rehi  
resurgirão do olvido e ficarão aqui :

— «Pallidas rosas do outono,  
que no meu seio abriguei,  
a luz que vos sobredoira  
é luz de abril,— revivei !

Estaveis murchas,— erguei-vos  
estaveis tristes,— sorri :  
o vento que prostra e gela  
não voltará por aqui.

Ás infundas pradarias  
que a vista agora me alcança,  
antegostei os aromas  
no florejar da esperança !

Esperança!—força occulta  
 que faz mártires e heróes,  
 e dá fórmula e vida aos sonhos  
 que tu, mundo, nos destroes!

Esperança!—eu confiei-me  
 ao teu magico poder,  
 pois que nos lances extremos  
 só tu nos sabes valer.

Eu te bendigo! de um éden  
 tu me foste a antemanhan,  
 sem cortejo de quimeras,  
 das quais, dizem, és irmán!

Não me illudiste!—a existência  
 não se cifra em illusões:  
 eu sei que há verdade e vida  
 quando pulsam corações!

Brotaram fios de prata  
das rochas que o sol queimou;  
e a gandra, inculta e deserta,  
de rosas se tapetou !

Hosannah! — cantam os astros  
com sublime e estranha voz ! —  
hosannah ! — cantam as aves ; —  
hosannah ! — cantemos nós ! —

## II

Eu tive um sonho,—um sonho bello e triste,  
como o sorrir do arcanjo da piedade.  
Fazem scismar os sonhos ; e quem há-de  
quebrar o incanto que num sonho existe ?

No vértice elevado  
de ásperas penedias  
erguia-se uma cruz, e nelta um mártir ;  
e agoirenta pairava em céu nublado  
a sombra das extremas agonias.

Ondas fagueiras de propicia luz,  
despenhadas em lucido caudal  
de um rosto mago, ethéreo, divinal,  
ungiam de piedade aquella cruz.

Uns labios rubros, doces, ciciavam  
as sillabas do amor,  
e do mártir nas lagrimas coavam  
beijo consolador.

E umas asas subtis, alvinitentes,  
irmans daquellas asas fantasiadas  
de arcangelicos entes,  
a cruz e o mártir resguardavam do impelo  
das nocturnas rajadas.

Nos olhos, a um só tempo, tinha o mártir  
 lagrimas de alegria e de amargura :  
 seu martírio era o enlace misterioso  
 da dor com a ventura.

Tinha auréola de espinhos, que lembrava  
 o diadema do pallido Jesus ;  
 mas aquelle martírio deliciava  
 o coração do mártir,—podes crer, —  
 que os braços dessa cruz  
 eram,—vê lá!—uns braços de mulher.

Desperta-me o chilido da andorinha ;  
 as confusas ideias recomponho  
 e vejo enfim que o sonho... não foi sonho :  
 —Aquelle resto mago e radiante  
 era a face gentil que me acarinhava ;  
 aquelle beijo um osculo de amante,  
 o meu calvario aquellas rochas nuas ;  
 aquella cruz suavissima era a minha,  
 e aquellas asas de anjo... eram as tuas !

## III

Lucida imagem, levanta-te  
em meio do meu deserto:  
dá-me que eu veja de perto  
o que era ideal sómente!  
quero, á sombra destes álamos,  
e aos bafejos desta aragem,  
contemplar-te, doce imagem,  
no teu solio resplendente!

Tu sabes como é profundo  
o culto que eu sei render,  
porque o anjo da poesia,  
que a mente inflamma e enebria,  
fala só de amar e crer!

E eu, que senti arrancarem-me  
as crenças do coração,  
e disse um adeus á fé

núm grito de maldicção,  
renasço das minhas cinzas,  
e posso erguer-me de pé.

Crocitem á noite embora  
negras aves agoirentas ;  
estallejem as tormentas,  
toldando o céu que me abriste :  
hei de saudar esta aurora  
que me inunda de esplendores,  
hei de c'roar-te de flores,  
hei de deixar de ser triste !

O que será o porvir,  
o que serás ámanhã,  
não sei ! mas vês-me seguir  
as rótas alumadiadas  
da aurora que é tua irman !

Jogue-se embora o futuro !  
que importa o que não existe ?

Se o teu amparo me assiste,  
tem fé que eu marcho seguro  
empós daquelle eldorado  
que há tanto em sonhos procuro !

Quero esquecer-me de tudo  
para lembrar-me de ti,  
para falarmos a sós!  
o meu passado é já mudo !  
o futuro... não tem voz!  
o meu presente... sorri !

Sorri, como o leve bando  
daquellas fadas gentis  
que andam ás vezes pairando  
no azul de um sonho feliz !

## IV

Eu nunca chamei vida ao triste inverno  
que embranquece o cabello á juventude:  
não se vive encostado a um ataúde,  
inda que, á luz de abril, floreje o aderno !

Não é vida — sonhar, e andar seguindo  
a vereda indistinta de um deserto,  
se nos atrai o lampejar incerto  
de um astro que na mente vem surgindo !

Não é vida o lidar que nos opprime  
no encalço de uma gloria fugitiva :  
pouco vale da gloria a luz esquiva  
perante a luz do teu amor sublime !

A vida é este amor que vem raiando  
por trás da certaçāo, vencendo as trevas ;  
a vida é este céu a que me elevas,  
e os estrados de flores em que eu ando !

..

é despertar de um sonho matutino,  
ver ali perto o que era sonho apenas,  
e aspirar o perfume das verbenas  
no perfume de um seio alabastrino !

A vida é divagar, junto ao sol-posto,  
dos bosquetes por entre a melânia,  
dos labios teus ouvir a melodia,  
e coroar de beijos o teu rosto !

A minha vida és tu, alma incendida !  
chamma ethérea que o vento não apaga !  
estrella que de luz meu seio alaga !  
astro dos astros ! sol da minha vida !

## V

Levanta-te ! A alvorada  
desponta alegremente !  
o rio é transparente ;  
a margem, perfumada !

Oiçamos a linguagem  
da íntima ventura,  
e apreste-se a romagem  
aos templos da espessura !

A verde trepadeira  
aos templos fecha o cumbe !  
exhala-se um perfume  
de flôr de laranjeira ;

o vasto pavimento  
é todo de esmeralda ;  
a cada lado o vento  
baloiça uma grinalda !

adejam os amores  
entre as folhudas naves ;  
cantam em côro as aves ;  
erguem incenso as flores !

e as trémulas virgultas  
do sinceiral frondente  
inclipam-se, ás occultas,  
no seio dà corrente...

Vamos. A primavera  
vem pompeando galas,  
ehove rubis e opálas,  
inflora-nos Cíthera !

Levanta-te ! A alvorada  
é bella, resplendente !  
a margem, perfumada ;  
o rio, transparente !

e pela ondeante margem  
revôdam indecisos  
genios de amor que espargem  
ardores e sorrisos !

Sigámel-os! Quem há-de  
furtar o seio ás chamas,  
que pródiga derramas,  
eterna claridade?

## VI

Esplenda o céu e a terra! a tua vista abranja  
tudo o que a primavera agora nos offerta,  
que a alegre cotovia os loireirais desperta,  
e o sol ao manto azul tece doirada franja!

A noite ia cerrada, e as lampadas celestes  
scismavam no seu ermo, involtas em negrumes;  
mas tu, que nesse olhar a luz do céu resumes,  
disseste ao dia: — surge! — e o dia assomou prestes!

Misterioso ser que passas deslumbrante  
como um lampejo ethéreo em alma de poeta,  
fascina-me essa luz que se diffunde inquieta  
desde o occidente extremo ás orlas do levante!

Atiro a vista ao longe, e ao longe não diviso  
nem uma sombra já das sombras que rasgaras :  
torrentes de esplendor, arroios e niagaras  
inundam de cristais meu térrreo paraíso !

Quando a alvorada vem, ao som de alegres himnos  
pérolas engastar na trémula ramagem,  
em fremitos acorda o buliçosa aragem  
e agita, á luz do sol, pingentes argentinos !

Qnando as réstias do sol devassam os segredos  
dos mûrmuros moitais que o vento balanceia,  
julgo que fios são de uma doirada teia  
quo a mão de ignota fada urdiu nos arvoredos.

E quando o astro-rei esparge radiante  
paveias de fulgor, que incendem o horizonte,  
á sombra dos faiais inclino a minha fronte,  
de uns braços entre o alvor, em o teu seio amante !

Ah! se não foras tu, imagem que te elevas  
no altar que te consagro e a primavera inflora,  
triste e sem luz seria o sol que esplende agora,  
e eu viveria ainda immerso em fundas trevas.

Toda banhada em luz,—visão do Apocalipse,—  
deslumbras, como o sol, os olhos do vidente !  
Que a tua luz inflamme o coração do crente,  
e, no meu céu azul, jámais o sol se eclipse !

#### TERCEIRA PARTE

Leu este livro Olimpia; e quem reler não há-de  
o poema gentil da alegre mocidade ?  
e quem não há de amal-o, amal-o com fervor,  
se elle brotou á luz do nosso proprio amor ?  
Releu e decorou essas canções floridas ;  
punha-se a meditar, por horas esquuccidas,  
ao fim de cada folha ; e, quando todas leu,  
na folha derradeira, á margem, escreveu :

—Li o teu livro poeta,  
e ainda se me affigura  
que nos ouvidos me soam  
os teus cantos de ventura ;

Li o teu livro, e instillou-me  
no seio tanta doçura  
como o suspiro que uma ave  
desprendeu entre a espessura ;

como súpplica de virgem  
que de pranto inunda o rosto,  
quando as trindades lhe enviam  
os adeuses do sol-posto ;

como as árias mais sentidas  
que o pegureiro há composto,  
por ensinal-as aos montes,  
nos crepusculos de agosto ;

como a voz plangente e meiga  
do orgão do santuário ;  
como o brandio murmurinho  
de um arroio solitário ;

como à tardinha as toadas  
de longinquuo campanário ;  
como a aragema que cicia  
beijando à flor o nectário .

Deixa-me ver o salterio  
onde irrempe tal poesia :  
quero alar-me a esses mundos  
que me sonha a fantasia.

Nas regiões, onde pairas,  
sereno deslisa o dia,  
e a terra é-me estancia ingrata,  
erma, lodosa e sombria.

Deita-me na alma o perfume  
que dos teus cantos se exbala ;  
ergue, sereia, os teus himnos  
que nenhuma voz iguala.

Quando te escuto,—acredita-me,—  
a voz do mundo se cala !  
Eu sei comprehendêr-te,—canta !  
descerra os teus labios,—fala !—

Gilberto era feliz : do seio do poeta  
o balsamo do amor desencravava a seta,  
hervada pela dor  
em horas de afflção, desesperança e horror.  
A vida era um perfume. Os céus azulejavam,  
e, na amplidão dos céus, os astros palpitavam.  
Garria a natureza ; e a voz do coração  
era a canção alegre, a festival canção  
que as aves, em noivando, espalham na deveza,  
enchendo de alegria a triste natureza.

Gilberto era feliz; e tanto, que julgou  
não ser talvez real o sol que dissipou  
a sua noito d'alma, escura, triste, fria.

E despertou um dia,  
sentindo sobre o peito a dúvida fatal  
que innoita, fere e opprime o que há de mais real

Era uma sombra atroz que lhe esmagava o peito.  
Tentou erguer-se ainda e recaiu no leito.  
À fronte esbraseada a mão approximou,  
e a febre lh'a escaldou.

Estava infermo e triste o moço proletario.  
Gemia-lhe no seio um dobre funerario,  
fatídico, presago, esmagador, cruel,  
e os labios lhe travava um calice de fel.

Entrou-lhe ao aposento a doce creatura  
que fôra para elle o íris da ventura ;  
—Que dor te opprime assim ?  
(interrogou Olimpia) ; acaso æo pé de mim

não sentes a alegria, entre-sombada outrora ?  
que máguia te domina e as faces te descora ?—

Gilberto olhou-a triste, e a custo ergueu a voz:  
— Eu sinto sobre mim um pesadelo atroz,  
uma nefasta sombra, um um lémure das trevas,  
que para nós estende enormes garras sevas,  
e nos separa...

— O quê !

— Que nos separa, sim ! Se não, escuta e vê :  
Eu sou... um proletario, e tu... uma coadessa ;  
eu... rojo-me no pó, tu... ergues a cabeça,  
arrastando setins no estrado dos salões,  
por entre mil cristais e luzes e festões.  
Deslumbram-te na valsa argenteas serpentinas ;  
e, quando de Mozart as musicas divinas  
afroixam no piano, ouves attenta a voz  
de algum marquez que herdara um *dom de bisavós*.  
Eu não me rio, Olimpia ! esmaga-me a verdade  
com uma desmedida e estranha crueldade.  
Como renunciarás áquella pompa van

que o berço te embalou ? quem sabe se amanhã  
o pejo afogueará seu rosto de amaranto,  
se virem que te adoro, e os olhos elevando

á luz que vem dos teus ?

— Oh ! cala-te, por Deus !

A dor que ta lanceia

é um fantasma vâo, uma fallaz ideia,  
um sonho aterrador,  
mas sonho que se apaga á luz do nosso amor.

Pois quê ! havias tu, dessa alma dolorida  
lançar a indignação empós de fementida  
que o abismo te cavou ?

Ignoras quem eu sou !

Frágil mulher embora, alenta-me o coragem  
se passo no cairel da rutila voragem  
onde serpeia a luz em vagos turbilhões,  
onde ha prazer e festa e oiro e seduções.

Eu oiço o que me dizes,

e nunca ouvi attenta os grandes e os felizes.

A nuvem côn de rosa abeira-se aos paúes,  
e volta immaculada aos páramos azues ;

eu sou como a neblina;—  
perpasso no marnel que o mundo contamina,  
sem lá deixar cair as perolas gentis  
que esmaltam a innocencia em peitos juvenis.  
És pobre ? és só ? que importa ? eu amo os teus carinhos,  
e deixo em paz agora os tristes pergaminhos,  
mais pobres que uma folha onde haja versos teus.  
Se hipocritas sem honra e austeros fariseus  
sorrirem da condessa unida a um proletario,  
pergunta ao titular, pergunta ao argentario,  
qual dura e vale mais,  
se as pompas que se esvão, se os genios immortais !

—Bem hajas tu, mulher, que no meu seio inferno  
lançando paz e luz, povoadas o meu ermo  
de crenças, de esperança e lucidas visões;  
só tu me recompões,  
á beira do meu leito, os magicos idilios,  
em que floreja o amor á sombra dos teus cílios !

Assomaste ao limiar  
do aposento triste e ermo;  
viste o meu leito de inferno,  
e vieste-te inclinar  
sobre a minha travesseira,  
murmurando-me baixinho:  
— sou eu, a tua infermeira! —

E eis-te aqui ao pé de mim,  
comprimindo carinhosa  
minhas mãos febricitantes  
contra o teu seio! até gosa  
quem, soffrendo, é tão amado!  
Sinto-me tambem assim,  
que, nestes doces instantes  
em que te vejo ao meu lado,  
tenho quasi acreditado  
que o amor aprendeu e ensina  
milagrosa medicina!

Padeces, porque padecto;

e, se alguma dor me abala,  
se a revéses entristeço,  
interrogas-me co'a vista,  
com o gesto, com a fala,  
e parece que darias  
tudo, tudo, se poderas  
restituir-me alegrias  
de passadas primaveras.

Esperemos! Não de vir  
as auroras que entre-sombras:  
pelas campinas risonhas  
hão de as verbenas florir,  
quando pisarmos felizes  
os estrados que abril cobre  
de variegados matizes!

Amemos, sim, e esperemos;  
mas dá hoje que eu hermidiga  
estas devoções e extremos,  
ó minha piedosa amiga!

Tu és-me tão carinhosa,  
 soffres tanto as minhas dores,  
 revelas-me com tais cores  
 o amor que te prende aqui,  
 que, se minha māi te visse  
 tratar-me com tanto affecto,  
 ella — māi — talvez sentisse,  
 quem sabe ? ciumes de ti !

¿Tu sabes o que é — ser māi  
 e ver no leito da dōr  
 o filho que ella estremeca ?  
 e quanto vale e contém  
 o sacramento desse amor ?  
 e como é ardente a préce  
 que ao céu lagrimosa envia  
 pelo filho na agonia ?

Eu sei : já vi minha māi,  
 joelhada ao pé do meu leito,  
 erguer uma prece, um voto,

do mais íntimo do peito  
Áquelle que, das alturas,  
dominando a immensidão,  
cobre as débeis criaturas  
com seu manto de piedade !

Pois todo o extremado affecto  
que u.n materno seio tem,  
todo o amor que se revela  
numa lagrima de māi,  
tudo o que é grande, sublime,  
adoravel, meigo e santo,  
tudo aos meu olhos se exprime  
nos assomos do teu pranto,  
nos teus afagos tão doces,  
na tua voz tão fagueira,  
no teu desvelo e cuidado,  
minha adorada infermeira.

Espalha assim essas tranças  
nesta face esbraseada,

em quanto a vista adorada  
na minha vista descansas!

Prestas-me tão grato abrigo  
com teu cabello, infermeira,  
que se cifram meus anhelos  
em passar a vida inteira  
á sombra destes cabellos! —

#### QUARTA PARTE

Na fronte de Gilberto, a irradiar amor,  
caiu, após a canto, um beijo inspirador.  
Cingia a vaga luz da vitrea lamparina  
a loira trança solta e a face columbina  
daquelle anjo custodio,—Olimpia,—que na mão  
tomava a mão do amante, erguendo-a ao coração.

Era a expressão sublime  
daquelle que jamais a lingua humana exprime.  
Em languida mudez, o tempo se evolou,  
e um cantico de paz Gilberto levantou :

## I

— Eis-te liberta enfim do torvelinho indomito  
que agita e involve e impelle a multidão que passa :  
não nos surprehende aqui nenhum olhar malevolo,  
não nos perturba aqui o vozejar da praça.

## II

Reina o silencio e o amor ! dir-se-ia que esta lampada  
de luz suave inunda um templo em que te adoro ;  
idólatra do bello, extatico ante um idolo,  
em teu piedoso olhar o meu olhar demoro !

## III

A sós com este amor que se desata em jubilos,  
 podes afagos dar-me, e compensar-t'os posto t  
 podemos olvidar o mundo ignaro e cínico,  
 creando agora um sapido, um mundo todo nosso t

## IV

Animo, pois, e fé! — a vida não é lagrima  
 que mana eternamente e o coração traspassa :  
 pode fugir-se um dia ao torvelinho indomito  
 que agita e involve e impelle a multidão que passa! —

## EPILOGO

Veio a convalescença, o halito da vida.  
 Gilberto contemplava a onda adormecida,  
 sentado á beira-mar.  
 Das bandas do nascente erguia-se o huar,  
 beijando docemente  
 os tremulos cristais do oceano transparente.

E Olimpia disse então :

— Oh como será doce errar na vastidão  
das aguas argentadas,  
quando o luar deixou alpestras cumiadas,  
e estira alvos lençóes por esse mar além !  
Gilberto ! eis uma barca ! É tão formosa ! Vem ! —

E a barca deslisou nas ondas murmurantes,  
levando os dois amantes.  
tremeluzia o céu,  
de opalas constellando um anilado véu ;  
e a esteira luminosa  
ia seguindo sempre a barca remansosa.

As réstias do luar  
vinham coser-se então com a nudez do mar ;  
e como que se ouvia, em extases de goso,  
da onda e do luar o beijo langoroso.

E a barca ia singrando. E o vate, remador,  
soltava, donde em onde, umas canções de amor :

## I

—Tu, que os abismos de minha alma sondas,  
medita, escuta evê !  
vê o céu que se arqueia ! escuta as ondas !  
Eis duas biblias ! lê !

## II

Porque serei feliz, longe do mundo,  
oh luz do meu amor,  
vagueando sobre este mar profundo,  
dos ventos ao sabor ?

## III

Eu sei : é que, ao erguer meu vago adejo  
 aos páramos sem fim,  
 posso escutar-te a voz, e sinto e vejo  
 que estás ao pé de mim !

## IV

Eu sei : é que os meus olhos, divagando  
 por esse azul dos céus,  
 de momento a momento vão poisando  
 no azul dos olhos teus.—

Quando o suave arpejo as vagas repetiram,  
 cançados de remar, os remos se partiram.

Olimpia estremeceu,  
 e os braços estendeu  
 aos braços de Gilberto.

—Não tremes ? (lhe disse ella) ; eu vejo o abismo aberto !  
 Como remar agora, e a praia demandar,  
 sem remos, no alto mar ?

—Não tremas (respondeu); e firmes esperemos  
que passem junto a nós os salvadores remos  
de alguma estranha barca... O mar é brando e chão,  
não tremas, desafoga o triste coração.—

E, para desviar temores agoirentos,  
Gilberto improvisava uns languidos accentos,  
suave barcarola, ou antes voz final  
de um cisne moribundo em ondas de cristal:

—Bem-vinda a noite, bem-vinda !  
bem-vinda a luz do luar !  
espelhe os astros a onda !  
suspire a brisa do mar !

baloice a barca entre espumas !  
azuleje o céu e o mar !  
dasate-se a lua cheia  
em cortinas de luar !

e sonhemos, acordados,  
á branda luz do luar,  
esquecendo-nos da terra,  
tendo á vista o céu e o mar!

Ao largo! não tenhas medo  
das vastas soildões do mar:  
grato é o ermo em que se estiram  
os raios deste luar!

Quando na asa da tormenta  
nes fuja a luz do luar,  
quando o vento encrespe e agite  
a face lisa do mar,

que importam ventos e ondas?  
que importa morrer no mar,  
se nos embalam amores  
á branda luz do luar?—

Ao doce esmorecer da nota derradeira,  
Olimpia reclinava a fronte feiticeira  
    no seio de marfim;  
    e parecia, assim,  
que estava dormitando em leito de alvas rosas,  
absorta no vaivem das aguas rumorosas.

Curvou-se, fascinado, o amante, e com fervor  
os labios lhe collou ao rosto seductor,  
e adormeceu tambem... O mar embrevecia;  
    aspera ventania  
    começava a agitar  
    a barca, a onda, o mar.  
Mais um momento, e....nada!  
    a lua prateada  
saudosa contemplava o turbilhão fatal  
do abismo transformado em leito nupcial...

—•—

## LOUVERTURE E BONAPARTE

(Nas prisões do forte de Joux)

Nas tristes solidões do monte Jura,  
que a fronte cinge de glacial diadema,  
vagam os sons perdidos de um poema  
e os ecos froixos de uma história obscura.

Estrondeava além a artilharia  
que abalava a granito das Pirâmides ;  
pasmava o mundo ; a Europa estremecia ;  
e o fumo que das hostes irrompia  
dos Alpes ensombrava as niveas chlâmides !

Passava sobre a terra o enorme gladio  
que, medindo o universo, a cada estádio,  
partia um sceptro, levantava um throno,  
e tentava evocar do eterno sono  
as aguias que no tumulo de Arcadio  
tinham buscado o extremo paradeiro,  
cançadas de correr o mundo inteiro !

Nas tristes solidões do monte Jura,  
num recesso de lóbrega enxovia,  
um mártir longas horas consumia,  
victimado aos caprichos da ventura.

Nascera escravo ao pé de irmãos escravos ;  
no berço o illuminara o sol da America ;  
e incantaram-no, bravo entre os mais bravos,  
as seduções de uma conquista homérica.

Elle vira opprimidos seus irmãos,  
nas terras onde a pobre liberdade  
esmorecia nas ferinas mãos

dos que albergavam odio e crueldade  
no manto de franceses e christãos.

Dentro da sua patria era estrangeiro ;  
seu berço, um patrimonio de invasores ;  
e os brancos eram surdos aos clamores  
da negra escravidão que succumbia,  
lançada pelo braço do negreiro  
do alto de infamante gemonia.

E nas faces crestadas resentira  
a indignação que os fracos robustece ;  
e dos roxeados pés erguêra a mira  
ao sol que os horisontes esclarece.

O escravo tornou-se homem. A verdade  
mostrou-lhe a lama do aviltante ecúleo,  
e a salvadora mão da liberdade  
ungiu-lhe o peito e armou-lhe o braço herculeo.

O estrênuo heróe lutou, arca por arca,

mas no relogio, que os destinos marca,  
não havido soado a hora extrema  
do imperio atroz do látego e da algema.

Venceu-o a França. O negro Louverture  
dobrou o collo ante o poder dos brancos,  
rolou ainda no cairel do abismo,  
e viu feita pedaços a ſecure  
que resvalara pelos nêdios flancos  
da fera consular do despotismo...

Chamaram-lhe traidor; e, após um dia,  
roubavam-lhe a familia, a patria, tudo;  
e o desditoso heróe esmorecia  
num recesso, como elle triste e mudo,  
num recesso de lóbrega enxovia.

Em uma noite, (a noite não findava  
na gélida mansão do prisioneiro !)  
quando o nobre cativo contemplava  
as álgidas visões do cativeiro,

ás portas do seu carcere assomava,  
estranho vulto, audaz e sobranceiro.

E entrou.

— Quem és? — interrogou altivo  
o bravo Louverture, erguendo a fronte.

— Bonaparte.

— Nos gelos deste monte  
a quem procuras tu?

— Ao meu cativo.

Tu eras um valente, Louverture;  
eu estimo os valentes e infelizes...  
procuro vel-os... e há quem assegure  
que os valentes me prezam... Tu que dizes?

— Nada!

— Bem sei: a voz é-te opprimida  
pela consciencia da traição infame...  
Quem quer que contra mim horrores trame,  
nas minhas mãos depositou a vida...

— Insultas um escravo, Bonaparte;

e sabes quanto vale quem o insulta ?  
vale menos do que elle em toda a parte,  
porque um escravo ainda pôde dar-te  
o dô, a trôco de uma offensa inulta...

— Porque te irritas, negro ? a ira tua  
não curva o semi-deus : á claridade,  
que precede o ribombo do trovão,  
tenho desafiado a tempestade,  
e a tempestade, trémula, recúa,  
se eu lhe respondo em vozes de canhão...

Sou maior do que tu : seguro o leme  
do galeão alteroso do presente ;  
alevanto o meu braço omnipotente,  
e, sem tremer, digo á Europa : treme !

— E eu vejo-te pequeno, Bonaparte;  
és feliz, e guerreiro : nada mais !  
a mão, que os sceptros e as nações reparte,  
deixa em teu rasto maldições e ais.

- Sobes alto num solio de esqueletos  
que descarnas, vampiro, em tuas mãos ;  
e eu quiz salvar os reprobos, os pretos,  
salvar o berço de meus pais e irmãos.

Tu, não salvas ninguem ! a tua espada,  
igneia rasoirá, flammejante passa  
ceifando a vida aos filhos da desgraça,  
correndo o mundo, torva, ensanguentada.

És grande pois? triste grandeza a tua !  
A verdade que, tímida, fluctua  
ao longe, em céus distantes, há de um dia  
poisar serena e olímpica entre o bando  
dos teus aduladores, fulminando  
num golpe o semi-deus e a idolatria....  
E, ao esplendor de rápida favilla,  
verão que o teu colosso era.... de argilla !—

Disse, e ficaram em silencio os dois.  
Bonaparte saiu. Annos depois,

o mundo absorto, extatico, saudava  
do moderno Alexandre o poderio;  
e o negro, a insonte victima, expirava  
no seu carcere escuro, á fome e ao frio.

---



DIVA

Sublime creatura,  
há seculos gerada,  
de tantos adorada,  
e cada vez mais pura;

mais bella que a verdade  
nos labios do vidente;  
véspero resplendente  
de santa claridade;

pérola desprendida  
do seio do infinito;  
estrella do proscrito,  
eterna foragida:

quero oscular piedoso  
a fimbria do teu manto  
banhado pelo pranto  
do pária desditoso.

Adoro-te, rainha,  
mais que rainha, diva:  
do teu olhar deriva  
a luz que me encaminha.

A tua voz é doce,  
consóla como o dia  
que as sombras da enxovia  
rasgar acaso fosse.

Casta visão ethérea,  
os despotas esmagas,  
e carinhosa afagas  
os filhos da miseria.

O teu olhar sereno  
os thronos incendeia,  
o grande te receia,  
e busca-te o pequeno.

Fatal como a sibilla,  
incorruptível, forte,  
não perdes o teu norte,  
teu braço não vacilla.

No mundo que percorres  
tudo esmorece e finda;  
mas tu marchas ainda,  
mas, diva, tu não morres.

Na senda que trilhaste,  
os séculos passaram;  
mas elles se curvaram,  
e tu além passaste.

Às vezes perseguida  
dos impíos e descrentes,  
no seio dos videntes  
foste buscar guarida.

Socrates hospedou-te  
no íntimo santuário,  
e um grande visionário,  
Platão, enthronisou-te.

Divinisou-te o Christo  
no alto da montanha,  
erguendo-te em peanha  
de brilho nunca visto.

Dos césares romanos  
os circos arrasaste,  
e os Gracchos levantaste  
em face dos tirannos.

Quando a oppressão e a insanía  
felgavam no occidente,  
viram-te á sua frente  
as hostes da Germania.

Em lagrimas perennes  
reviste a tua imagem,  
enchendo de coragem  
os Jacques e os Étiennes.

Na convulsão potente  
que revolveu a França,  
foste íris de bonança  
ás portas do presente;

e ás portas do futuro,  
fixando o olhar no espaço,  
abres-nos com teu passo  
o trâmite seguro.

Adoro-te, rainha,  
mais que rainha, diva:  
do teu olhar deriva  
a luz que me encaminha.

Teu halito enfeitiça,  
qual perfumada essencia...  
És filha da consciencia,  
e chamas-te... JUSTIÇA.

---

## AOS HIPOCRITAS

(Paráfrase evangélica).

E prégava Jesus aos seus discípulos:  
— Sentaram-se na cátedra moisaica  
os miseráveis hipócritas  
da turba farisaica.

As iludidas multidões aggregam,  
e, com palavras sãs, as edificam :  
recebei a verdade que elles pregam,  
mas não o que praticam.

Fardos impõem aos hombros de seus servos,  
dos famintos, dos simples, dos pequenos;  
porém nunca sobraçam os protertos  
um fardo, o mais somenos.

Alardeiam sciencia e piedade,  
e ostentam-se vaidosos,  
arrastando nas ruas da cidade  
a fimbria dos vestidos preciosos.

E rindo aceitam reverencias públicas ;  
recamam de oiro e pérolas as togas;  
amam a ceia lauta, e refestelam-se  
no primeiro logar das sinagogas.

Vós que me ouvis, ó turbas e discipulos,  
tomai diverso trilho :  
o que se humilha exalta-se,  
e aquelle, que se exalta, é quem se humilha.

Mas ai dos fariseus, raça de víboras !  
que andam pulindo o exterior da taça,  
e deixam dentro a iniquidade e o vício  
que o coração traspassa.

Não sentem fome, não se expõem ás chuvas,  
e dominam os frágeis corações,  
devorando o alimento das viúvas  
a trôco de orações.

Imita o seu espirito fallaz  
as tumulares pedras branqueadas :  
um tumulo formoso á vista appraz,  
mas tem no seio podridão e ossadas.—

---

## DO CÉU À TERRA

Tu eras pobre, sim, mas tão formosa !  
teus prantos eram joias que brilhavam  
aos olhos do Senhor, que te inundavam  
de luz e amor as faces côr de rosa.

Hoje, és feliz, se o é quem tanto gosa :  
as misérias e a dor que te lanceavam,  
no tempo que passou, já se não cravam  
em teu seio gentil ; mas... desditosa !

abandonou-te a mão da Providencia ;  
fechas o peito aos raios da esperança ;  
abraças as mentiras da existencia ;

sorris, beijando a mão que te destrançá  
as rosas perfumadas da innocencia,  
e o teu sorris faz-me chorar, criança !

---

## MURMÚRIOS NA CASERNA

— Que horas serão, camarada ?  
— Meia noite, pouco mais.  
— Se já rompesse a alvorada...  
— Porquê ?

— Não se dorme nada  
nestas enxérgas fatais.

Deita-se a gente com fome,  
enrola-se nesta manta,  
e, antes que o sono nos tome,  
vem o cuidado, que espanta  
quanto sono possa haver.

— A bem dizer, o bocado  
não é lá de appetecer.  
Mas que queres ? o soldado,  
quando sabe obedecer,  
dizem que tem o bastante,  
porque lhe basta o dever  
e as ordens do commandante.

— Isso é velha ladainha  
de bonecos galoados.  
Servir o rei e a rainha  
será dever de soldados;  
mas, homem, eu tenho lido  
ahi por essas gazetas  
que isto de reis são muletas  
de um sistema entorpecido.

Demais, não comprehendo bem  
que eu tenha um dever estreito,  
e a final de contas ningue u  
me reconheça um direito.

Lá fóra, em alguns paizes,  
de outra fórm'a as coisas são :  
o cidadão é soldado,  
e o soldado é cidadão.

Isso sim, que é acertado ;  
mas ver-se um homem no campo  
amanhando as suas leiras,  
livre, feliz, socegado,  
enxugando com cuidado  
as lagrimas derradeiras  
de alguma extremosa māi ;  
e chegar-se a nós alguem,  
dizendo : «Em nome da lei,  
larga a enxada, a tua herdade,  
o prazer, a liberdade,  
e passa a servir el-rei» ;  
palavra de honra, eu não sei  
se os bois a que eu punha o jugo  
são mais livres, mais ditosos  
que os batalhões numerosos  
de que o Estado é verdugo !

Se não, dize-me tu lá  
como te chamam?

— Tens graça!  
eu era *Antonio*, mas cá,  
depois que eu assentei praça,  
de *Antonio* que me chamava  
fiquei o *Nove da oitava*.

— Ah! tens! os meus bois, ao menos,  
mais regalias logravam:  
uns, *Cabanos*, se chamavam;  
chamavam-se outros, *Morenos*.

Tu, depois de te roubarem  
ao seio de tua māi,  
e depois de te peiarem  
em nome do patriotismo,  
roubam-te o nome tambem  
e chamam-te... um algarismo.

— Tu falas bem, *Vinte e um*;  
mas se o *Quatorze da quinta*  
ouvisse agora o que eu oiço,

aquella rez de má pinta,  
espião cõmo nenhum,  
levava-te ao calaboiço...  
Ainda hontem o *Trinta*,  
só por queixar-se ao sargento  
de que, ha não sei quantos dias,  
lhe davam pão bolorento,  
lá foi para as enxovias ;  
e o sargento das escolas,  
todo pimpão, todo ancho,  
farejou as caçarolas  
e achou magnifico o *rancho*.

— Coitado de quem não mostra  
quatro *devisas* no braço :  
é trazer sempre o baraço  
atado ao nó do pescoço.  
Se o desespéro nos prostra  
na trabalhada carreira,  
lançam-nos a gargalheira  
como se lança a um molosso !

Ninguem pensa em fazer guerra,  
podre de paz, tudo cai ; ·  
e no entanto a gente vai  
percorrendo toda a terra,  
sobre espinhos e entre dores,  
como em cata de invasores  
que estejam batendo á porta  
de alguma cidade morta.

E no entanto, as nossas varzeas  
vão ficando sem cultura :  
crescem arbustos daninhos,  
os escalrachos e espinhos,  
onde o trigo com fartura  
dava trabalho aos moínhos.  
Calam-se enfim as azenhas,  
cerra as portas o moleiro,  
e fazem teia as aranhas  
na parede do celeiro.  
E quanto mais cresce a fome,  
mais o governo consome

com decimas e tributos  
os pobres, minguados frutos  
de fadigas impotentes :  
arranca ao povo a camisa ;  
e porque não ? se precisa  
de *exercitos permanentes !...*

(*Nota.*— Consta-nos agora  
que o palrador *Vinte e um*,  
apenas rompeu a aurora,  
foi pelo general Boúm  
metido em dura prisão :  
tinham-lhe ouvido a palestra,  
e fôra denunciado  
como indócil e implicado  
em negra conspiração).—

---

## **PEDRO BONAPARTE**

(Commentarios a um processo contemporâneo).

**Embalaram-me o berço alegres cantos  
de justiça, de amor e liberdade;  
e vi grandezas fátuas consumidas  
nas rubras linguas de voraz incendio !**

**Era tudo mentira, tudo um sonho:  
chegaste, heróe, e o sonho dissipou-se !  
quando eu via a justiça erguer-se altiva,  
a justiça curvou-se, e tu passaste...**

Oh, salvè, heróe pigmeu ! Quem poderia,  
senão tu, levantar o braço ousado  
contra o que é grande, contra o que é eterno ?  
Tres vezes salvè, assombro de vindoiros !

Sorris, e tens razão ! — o rato ignobil  
do velho fabulista já folgava  
sobre o leão dormente... Musaranho,  
folga tambem, porque a justiça dorme !

Mas se ella despertar ? se a tua espada  
cair perante o lampejar da ideia ?  
se o palacio de Auteuil, theatro esplendido,  
se transformar em templo da justiça ?

Aspirações ingênuas de criança ;  
miragens da inexperta juventude !  
Que te importam loucuras tão sublimes ?  
que vale a aspiração dos opprimidos ?

Se vires que a rasoira da igualdade  
quer transpor os teus porticos suberbos,  
oppõe-lhe os teus brasões ! nada mais forte  
que o elmo e escudo em pedra ou pergaminho...

Se algum filho do povo, em teus atalhos,  
de noite acender luz, foge ou apaga-a !  
não queiras que o villão sirva de guia  
a quem sente nas veias régio sangue !

Se algum evangelista da igualdade  
dissér que é homem, e que tu és homem,  
morra o infame ! que vale um pobre Victor  
diante deste nome — Bonaparte ?

Não penses no futuro, olha o passado  
e vê se no presente o resuscitas !  
zomba dos fracos, musaranho corso  
e folga emtôrno do leão dormente !..

## ULTIMOS ADEUSES

(Episodio)

### I

Intorna esse teu pranto, flor de neve,  
que o pranto da innocencia é puro e santo !  
Sim, chora, que os teus prantos, branco lirio,  
hão de esmaltar-te a c'roa do martirio !  
Chora ! que acima do celeste manto  
há Alguem que pésa as bagas do teu pranto !

.....

## II

Toda a tarde esmolou de porta em porta  
a innocent Luisinha, e sabe Deus  
como escutaram os gemidos seus  
e viram suas lagrimas! — que importa,  
que importa a muita gente que a desgraça  
mate de fome ou cubra com andrajos  
o que na rua passa!...

## III

Lá vai ella caminho do casebre  
que além destaca ao fim da sua aldeia;  
É ao eair da tarde. O fumo ondeia,  
erguendo-se das choças e casais;  
dos montes do levante, a lua cheia,  
coando-se por entre os pinheirais,  
vem projectar seus raios prateados  
no tecto dos colmados.

## IV

Expira enfim a tarde melancolica.  
A penumbra indecisa 'do crepusculo  
lá domina o casebre solitario,  
silencioso e triste como um tumulo !

Se o visseis nessa hora,  
talvez disséseis que d'ali a vida  
fugira espavorida,  
açoitada da morte assoladora !

Mas era engano ! — Dentro do casebre,  
cançada da vigilia diurna,  
esmorecia a luz  
de uma vida que a febre  
alimentava — como a frágil urna  
que, junto de uma cruz,  
resguarda os clarões baços  
de um triste lampadario,  
e espera trémula o roçar do vento,

por se fazer pedaços  
contra os degraus de funebre moimento !  
.....

## V

Entremos com Luisinha  
ao casebre. Quem vê a rude ombreira  
para logo adivinha  
a miseria que lá por dentro móra.

Entremos. Na lareira  
esfriaram as cinzas, desde a hora  
em que arderam os ultimos gravatos  
que a pobre māi da pobre innocentinha  
trazia em tempo dos maninhos matos.

A candeia apagada  
estava pendurada  
em a parede denegrida e nua ! .  
o casebre outra luz não recebia  
senão a luz do dia,  
que entrava só pelo portal da rua.

Se os olhos buscam mais, apenas vêm,  
por móveis, a pobreza a cada canto ;  
por joias, os aljófares de pranto  
os cílios orvalhando á triste mãi,  
que tinha por colchão  
humidas palhas no gelado chão !

## VI

— «Vem na paz do Senhor, meu pobre anjinho ;  
vem matar as saudades que me dás,  
quando não góso, filha, o teu carinho,  
quando de mim bem perto não estás !  
Tu bem viste o inocente passarinho  
buscar as balsas, e inda agora vens !  
Talvez adormecesses no caminho,  
já cançada das noites que tu tens  
passado desveladas,  
a murmurar-me falas abençoadas,  
e com teus beijos de innocencia e amor  
a refrescar-me as faces abrasadas  
da febre no calor...» —

— «Mãi, não adormeci; a caridade  
é a que me parece  
que ás vezes adormece  
e que de nós se esquece  
sem dó nem piedade!...»

Toda a tarde esmolei de porta em porta,  
mas dentro não entrava a minha voz,  
que dentro a gente estava surda ou morta,...»—  
.....

## VII

Uma noite de janeiro  
em terras de Portugal,  
quando o castello roqueiro  
e o mais humilde casal  
namoram a branca lúa  
que em céu de anil fluctua;  
quando reina doce paz  
no céu, na terra e nos mares,  
e tudo em silencio jaz,  
— gandaras, montes e algares:

uma noite de janeiro  
em terras de Portugal,  
quem a não viu é o primeiro  
que bem pôde, por seu mal,  
dizer que a alma enregelada  
por uma descrença fria  
nunca a sentiu bafejada  
pelo arcanjo da poesia...

Mas o que já uma hora,  
nessas noites de luar,  
escutou embevecido  
o murmurinho sentido  
da cascata a tintilar;

quem um momento estendeu  
até lá acima um olhar,  
como querendo contar  
os lampadarios do céu:

diga o que sentiu então

ness' hora misteriosa,  
em que o nosso coração  
não sabe se pena ou goza.  
Eu não sei bem se é tristeza,  
nem sei bem se é alegria  
o que nossa alma extasia,  
quando nossa alma está presa  
ao iman da natureza.

Curvemo-nos ao misterio,  
e a crença fique de pé ! —  
Seja pena ou alegria  
o que nossa alma extasia,  
oh ! silencio ! que a poesia  
ninguem diz o que ella é !

.....

E como a noite vai linda !  
As torrentes de harmonia  
da cúpula azul e infinda  
ressumbram cá para a terra

esses jorros de poesia  
que nos astros Deus incerra.

E no bello panorama  
alumiado pelo alvor  
da lua que a luz derrama  
sobre as obras do Senhor,  
destaca um grupo de amor ;  
que por noites de luar  
o amor chove,gota a gota,  
e não sei que voz ignota  
a gente convida a amar.

Pelas fendas de um colmado  
entra o luar prateado,  
aliando o seu palor  
ao palor que triste brilha  
nas faces de tenra filha,  
unida suavemente  
ao seio de māi doente,  
refrigerando-lhe o ardor

da febre que lh'a devora.  
Não vos menti, vêde agora:  
eis o meu grupo de amor!

Diga-me alguém se o escopro  
de Canova talharia  
grupo de tanta magia  
como ess'outro a quem um sopro  
de Deus ajuntado havia.  
Deitada sobre o seu leito  
de palhas em terra fria,  
a māi unia ao seu peito  
a filhinha que dormia,  
e, a dormir, a māi beijava.  
E a triste da māi velava;  
velava, sim, porque a febre  
as noites lhe amargurava;  
mas se, á réstia do luar  
que alumia o casebre,  
visseis seus olhos incertos  
a divagarem nas orbitas...;

se dos labios meio-abertos  
ouvisseis o murmurar,  
e apalpasseis esse fogo  
que as faces lhe ia queimar,  
certo, não diríeis logo  
se estava a triste a velar !

E velava — se alguém vela,  
quando a febre do delirio,  
revelando atrós martirio,  
a loucura nos revela!...

A pallida lua, ermando  
na abobada azul e erma,  
refrangia um raio brando  
por sobre o rosto da inferma...

.....

E nos cerros do levante  
repontou a madrugada,  
erguendo-se radiante,

— toda timida e córada,  
 pudibunda e preguiçosa,—  
 do seu leito de escarlata,  
 toda vestida de rosa,  
 toda toucada de prata.

## VII

Há ahí a inspiração na fronte calma  
 que vê de um lado a campa, e do outro a vida:  
 se a escutarmos, revela-nos essa alma  
 os segredos da terra promettida:  
 e o ouvil-a doces balsamos espalma  
 nas chagas da existencia dolorida,  
 que sempre é grato ao que erra no deserto  
 saber que há uma fonte, ou longe ou perto...

Alente-vos a fé, e no chão roje  
 a gelada descrença que vos rala:  
 surdos ao coração, attendei hoje  
 à voz da inspiração; que quem vos fala,

com os olhos no céu se parte e foge  
do mundo que se aprouve abandonal-a.  
E pois que a abandonou, escute o mundo  
o ultimo alento a um seio moribundo:

— «Filha, um beijo! Da morte o sopro frio  
breve desligará nossos abraços;  
e depois, deste albergue o senhorio  
te expulsará e negará os braços;  
e, se verteres lagrimas em fio,  
hão-de rir-se de ti homens devassos,  
e não terás māi ternā que te abrace  
e te rebeije a lagrimosa face!

Mas acima do sol e dessas luzes  
que de noite ao miral-as pasma a gente,  
há um pai carinhoso que por cruzes  
nos dá palmas e gloria eternamente;  
e os espinhos, que em lagrimas traduzes,  
inlaça-os em corôa resplandecente,  
com que na outra vida que nāo passa  
Elle ingrinalda os filhos da desgraça !

E que importa uma lagrima na vida,  
se Deus a funde em pérola brilhante!...  
— Se a desdita nos abre uma ferida  
e nos inturva o olhar a cada instante,  
por fim desponta a aurora apetecida,  
intorna Deus um balsamo incessante,  
e cada coração se alarga e expande  
para colher as bençãos do Deus grande!

Ai, filha! quando a minha eterna ausencia  
te destilar o pranto da saudade,  
e nesta via-sacra da existencia  
trilhares os espinhos da orfandade,  
ajoelha e ergue as mãos á Providencia,  
pois é piedosa e justa, e, certo, há-de  
lá nessas regiões incantadoras  
inthesoirar as lagrimas que choras.

Mas olha, filha : o mundo tem miragens  
que podem traiçoeiras inganar-te ;  
o mundo tem abismos e voragens  
em que podes incauta despôr-te ;

formosas a sorrir, falsas imagens  
 encontrarás talvez nalguma parte,  
 e, se te apraz então ouvir e vel-as,  
 por teu mal cairás nos braços dellas!...

Oh ! se te visse Deus mulber perdida,  
 do vicio escrava, pasto de mundanos,  
 fôra melhor fugir-te a luz da vida,  
 no alvor primeiro dos primeiros annos !  
 Ai, se eu visse hoje, filha estremecida,  
 no teu porvir atrozes desinganos,  
 pedira a Deus em fervorosa prece  
 que na minha mortalha te involvesse !

Meu Deus ! Vós que livrais do charco immundo  
 a nuvem côn de rosa, erguendo-a aos ares,  
 e que de abismo tetrico, profundo,  
 salvais o nauta na amplidão dos mares :  
 da inocente que fica neste mundo  
 não desvieis, meu Deus, vossos olhares,—  
 não a esqueçais de noite nem de dia,  
 pelos vossos caminhos conduzi-a !

Bem vêdes como a prófuga andorinha,  
quando vai em demanda de outro clima,  
em pleno mar encontra onde se aninha,  
toma forças e prestes se reauima ;  
não deixeis pois que, triste e só, Luisinha,  
não tendo quem a guie lá de cima,  
ao cruzar innocentemente o mar da vida,  
poise cançada na onda intumecida !

.....

Mas quando, flor pendida em ermo agreste,  
não aches quem te dê frescor e alento,  
ergue os olhos á cúpula celeste ;  
bemdize o Que, dos anjos ao concerto,  
estende os braços do poente a leste,  
regendo a terra, o mar, o céu e o vento ;  
abre o teu seio a privações e a dores,  
e trabalha ! Deus veja os teus suores !

Se entrementes não podem teus bracinhos  
mover-se, o dia todo, em rude lida,  
vai, filhinha, juntar-te aos pobresinhos,

e com elles mendiga o pão da vida ;  
e quando nos teus aridos caminhos  
vejas a caridade adormecida,  
lembra-te de que Deus não adormece,  
e a cada qual dará quanto merece ! »—



## O AGIOTA

(Exercícios de rima)

### I

Quando eu, vencendo escrupulos, me achego  
ao vampiro famelico da usura,  
faz-me elle recordar pela figura  
o escudeiro fiel do heróe manchego.

Contemplo aquelles bócios e o rofego  
que lhe ondula a ciclopica estatura,  
e a face que, na côn e na gordura,  
traz á ideia o presunto de Lamego.

Insinúa, na voz, fallaz doçura  
em estilo parente do galiego,  
e joga a bisca com o padre-cura;

passeia só, á beira do Mondego;  
e, se traja capote em noite escura,  
dil-o-heis involto em asas de morcego.

## II

De livros, leu em tempos o *Lunario*;  
fundo na sua peculiar sciencia,  
colhe os frutos da velha experienzia  
e nem lê as noticias do *Diario*.

Traz consigo arqueologico rosario,  
vai á missa, é beato na apparencia,  
e costuma lavar a consciencia  
ao pé do expurgador confessionario.

Em feliz e invejavel indolencia,  
explica ao filho, em volta do larario,  
lições de economia e de prudencia.

Nunca dá cinco réis a um proletario,  
mas fala muita vez da Providencia,  
e nunca falou bem de um usurario.

---



## A FOME

(Canção popular em França)

Quando na margem do rio  
a azenha é silenciosa,  
e o jumento dos moleiros  
socêgo constante gosa,  
a penuria em pleno dia  
penetra nos nossos lares,  
o céu tolda-se de negro,  
e os ais perdem-se nos ares.

Nada embarga ao povo a queixa  
quando a fome o curva ao chão;  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

A fome corre as aldeias,  
a cidade, toda a terra;  
ide lá tolher-lhe o passo  
com vossos clarins de guerra!  
Ella abre as asas e voa  
sobre polvora e metralha,  
e firma o seu negro lábaro  
sobre a mais alta muralha.

Nada embarga ao povo a queixa  
quando a fome o curva ao chão,  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

Que valem vossos exercitos?  
a fome dá disciplina,

e dá força e fornece armas  
á multidão campesina :  
o sino toca a rebate,  
e há foices, pás e forcados;  
e até mulheres comprimem  
fusis aos peitos nevados.

Nada embarga ao povo a queixa  
quando a fome o curva ao chão ;  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

Tirai a foice e a espingarda  
d'entre as mãos da populaça,  
e levantai guilhotinas  
sobre os angulos da praça :  
quando o machado sangrento  
vidas mil haja cortado,  
aos olhos das turbas tristes  
do sangue sairá um brado !

Nada embarga ao povo a queixa  
quando a fome o curva ao chão,  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

Como a aguia, o ar e o fogo,  
o pão é preciso à vida;  
o pão é divida santa  
pelo Creador contraída.  
  
Deus pagou a sua divida:  
pois nos deu a terra inteira;  
e o sol que no alto esplende  
seccar pôde o grão na eira.

Nada embarga ao povo a queixa  
quando a fome o curva ao chão;  
que a natureza não deixa  
na terra viver sem pão.

---

## O FILANTROPO

(De Henri Heine)

Havia dois irmãos. Um era rico,  
pobrissimo o outro irmão.  
E o pobre disse ao rico: — tenho fome;  
tu podes dar-me pão.—

E o rico disse ao pobre: — deixa-me hoje,  
retira-te d'aqui:  
hoje dou um banquete aos conselheiros,  
que não tardam ahí.

que se ha de tener en cuenta

Mas o irmão rico, ao ver que se approxima  
a sua hora emfim,  
chama um tabellião, faz testamento,  
dos bens dispendo assim:

Deixou á clerescia enormes somas,  
de escolas se lembrou,  
e ao mais rico museu de arqueologia  
não sei quanto deixou.

Deixou tambem legados importantes  
em prol da conversão  
de herejes e judeus; dos surdos-mudos  
dotou a instituição;

mandou fazer um sino em Santo-Estevam,  
sino descommunal:  
uns quinhentos quintais pésa decerto,  
e é do melhor metal.

E eis um sino que espalha a toda a hora  
um som atroador:  
celébra de contínuo a honra e a gloria  
do immortal doador;

diz, por boca de bronze, os beneficios  
que o rico, a plenas mãos,  
dispensou á cidade e aos conterrâneos,  
herejes e christãos.

Oh grande bemfeitor da humanidade !  
o sino apregoará,  
ainda além da morte, as acções boas  
de quem é morto já !

O enterro foi pomposo. Era a apotheose,  
a pósthuma ovação :  
apinhavam-se as turbas, respirando  
respeito e admiração.

Em coche funerario, ornamentado  
com plumas de avestruz,  
velludo e oiro o férreto cobria,  
velludo que reluz,

com lagrimas de prata, 'e com recamo  
da mesma prata feito:  
a prata em fundo escuro, quasi sempre,  
produz um bello effeito.

Como trajando luto, seis cavallos  
o carro conduziam,  
rebuçados em lugubres gualdrapas  
que aos cascos lhes deciam.

Atraz, um regimento de criados  
com a libré escura,  
levavam lenços brancos sobre as caras  
vermelhas de amargura.

Uma enfiada de caleças funebres,  
os grandes da cidade,  
tudo dava ao luzido sahimento  
devida magestade.

Não esqueça dizer que os conselheiros,  
os gordos commensais,  
ali tambem estavam, mas um delles  
faltava entre os demais :

era aquelle que tinha em alto aprêço  
a carne de faisão.

Consta-nos que morrera, pouco antes,  
com uma indigestão.

---

## TREVAS

Quiz ver o carcere. Só nelle havia  
uns vultos pallidos de torvo aspecto,  
respirava-se a custo, e parecia  
que me esmagava o ennegrecido tecto.

Era um mar de paixões, em calmaria;  
mar outr'ora revôlto e irrequieto;  
apenas pela abobada sombria  
revoava, a zumbir, nocturno insecto.

Cheguei-me á turba vil, encarcerada,  
em cuja face se cravára o estigma  
do crime, que nos faz estremecer.

E perguntei : — Que dolorosa estrada  
vos trouxe aqui ? — E a turba, a esfinge, o enigma  
rugiu na sombra : — Não sabemos ler...—

---

## AURORAS

(À Hispanha nova)

Povos, que vejetastes algum dia  
no meio de lethal escravidão,  
á sombra de nefanda tirannia,  
— podeis erguer a vossa fronte mesta,  
e, a dura algema arremessando ao chão,  
    podeis sorrir na festa  
que o anjo do progresso vos apresta,  
e onde cada um de vós é livre e irmão !

Hispanha ! tu, que ergueste o braço forte  
para domar nações  
e retalhar bandeiras ;  
mas que fraqueaste ante o balsão da morte,  
que hasteado entre funebres saíões,  
tremulou junto a rubidas fogueiras ;  
tu, que amassaste com teu nobre sangue  
a argilla que formou o Escurial ;  
tu, por quem nunca suspirou de amores  
o velho Portugal ;  
tu, que soffreste o infame Torquemada ;  
tu, que escutaste a voz envenenada  
dos discipulos falsos, e sem fé,  
de Gusmão e Loyola ; tu, que háis visto  
inlameada a tunica do Christo  
em tremedais de purpura e estamenha :  
levanta-te de pé !

Ao baquear da velha sociedade,  
força prolifica estremece e luta  
no meio das ruinas ;  
o mundo inteiro a escuta,

toma-a por nuncia de uma nova idade,  
mas não lhe sabe a nome  
nem lhe pôde medir a intensidade.  
Muitas vezes, eu tanto comparal a  
á pomba que, ferida,  
foi cair entre os asperos silvedos,  
e que, ligada por um fio á vida,  
tenta ainda salval-a,  
e luta a mais e mais  
por desprender as asas  
de esconsos espinhais.

Mas depois outra ideia me domina :  
a miude a sorte zomba  
do porfiado esforço de uma pomba,  
enquanto a grande força misteriosa,  
que as moles do passado abala e mina  
e derrue poderosa,  
não recúa, não pára, segue avante !

Quem sabe do futuro ?  
O sol que nos inunda rutilante

não nos concede ao menos  
um raio que dissipe o manto escuro  
em que se escondem páramos serenos,  
— região promettida  
aos filhos dos que vão atravessando  
os asperos desertos desta vida !

Sabemos que marchamos  
e que fugimos de uma bronzea idade ;  
que somos livres e que nos amamos ;  
que amamos a verdade  
e a lei suprema da justiça eterna ;  
não queremos um braço que governa  
em nome de europeis e tradições,  
nem tão pouco queremos que as nações  
dobrem servis o collo  
perante um privilegio ;  
não faremos jamais do patrio solo  
um patrimonio regio ;  
não faremos da lei joguete frágil,  
nem canna de irrisão ;  
não daremos abrigo aos poderosos,

negando ao pobre a mão ;  
abriremos a porta a quem bater,  
cavalleiro ou peão.

É este o nosso credo ; o mais... quem sabe  
aonde leva a aspiração immensa  
que já em nós não cabe ? !  
Quem a revêzes pensa  
no vago anceio da hodierna idade,  
quizera sublimar-se  
a alturas ignoradas, e, voando,  
transpor a immensidade,  
mas... fica-se sonhando !

E um sonho, muitas vezes, não é sonho :  
transmuda-se em ideia, a ideia em facto ;  
e, ao benigno contacto  
do sopro animador  
que a todos nos repassa,  
dir-se-há que, junto ao leito dos videntes,

de continuo esvoaça  
um genio creador !

.....

Não tremas, nobre Hispanha,  
augusta mãi de Riego e de Padilha :  
a luz que em teu espirito se entranha  
e que, opulenta, brilha  
desde o palacio á choça da montanha,  
jamais a apagam os esforços vãos  
daquelles que, seguindo escura trilha,  
ousam erguer as mãos,  
conspurcadas de negra covardia,  
contra a mão que do seio do infinito  
por sôbre todos nós espalha o dia !

---

## VOZES LONGINQUAS

Que vales tu, escravo, sob o látego  
do teu senhor brutal ?

Que vales tu, colono, junto aos plinthsos  
do castello feudal ?

Que valem os teus brados mal distintos,  
em luta desigual,  
misero proletario, recalcado  
pelo genio do mal ?

— Nada! — responde a sombra do passado.

— Nada! — uma estranha voz inda responde,  
além, do poente escuro.

— Tudo! — clama a justiça em alto brado.

— Tudo! tudo! — repetem não sei onde  
os écos do futuro.

---

## O PÁRIA

(De um drama de Delavigne)

— Uma raça ali vive nessas margens,  
raça estrangeira sob o sol da patria,  
sem abrigo de alguem, sem um amparo,  
abominavel e maldita : os párias !  
O sol da India a custo os alumia,  
a terra sente horror quando caminham;  
e Deus, ao ver a creaçao completa,  
separou-os do numero dos homens.  
Foge o indio das aguas que os espelham

e do fruto que os párias hão colhido,  
ou sequer bafejado com seu halito.  
Aqueile que encontrou os seus olhares,  
vezes nove se lança em agua santa.  
Qualquer dispõe de sua odiosa vida :  
fóra da lei, seus dias mais não valem  
que á de um reptil immundo ou desses monstros  
que no seio do Ganges se produzem.  
Se o amor os tenta, e os olhos alevantam  
a bellezas esquivas, vem sobre elles  
pesado anathema, a miseria, a infamia !  
Malditos de seus pais e sua tribu,  
esperam noutra vida mais flagicios,  
e eil-os votados a um exilio eterno !  
Mas... estremeço ! vais talvez deixar-me,  
fugir de mim, do amigo desditoso :  
sobre o solo natal que me é defeso  
eu arrasto os meus dias ; sou maldito !  
sou fugitivo, um impio; eu sou... um pária ! —



## O VOTO

Ode grega de Kalvos de Zante

(1891)

Antes quero que a pátria se me abisme  
nos negros vagalhões de um mar em fúria,  
à semelhança da canoa frágil,  
perdida, abandonada;

antes quero que as linguas de um incendio,  
correndo a Grecia e circumdando as ilhas,  
devorem selvas, villas e cidades  
e as esperanças todas;

antes quero que os filhos desditosos  
da Héllade formosa andem errantes,  
e a mão estendam súplices, famintos,  
á pública piedade;

do que aceitar a protecção de estranhos !  
Não me cegam as grandes nomeadas,  
e nunca deslumbrou os meus olhares  
o brilho das corôas.

Se, por cada um rei mau que desce á campa,  
um de seus astros apagasse a noite,  
poucas estrellas fulgiriam hoje  
na abobada celeste.

A mão que offereceis a gente estranha,  
como sinal de protecção amiga,  
é que forjou, e ainda forja treda,  
cadeias para os povos.

Quantos pais infelizes dão aos filhos,  
em vez de pão, abraços e caricias,  
ao mesmo tempo em que nos vossos labios  
esplendem taças de oiro !

Quando ingrossais o vosso poderio,  
a um domínio juntando outros domínios,  
novos suores pretendeis apenas  
para expenderdes prodigos

em levantar espadas que vos guardem  
no esconso de palacios grandiosos,  
e armas forjar que affastam a virtude  
e os que a virtude adoram.

Vós desejais riquezas e thesoiros  
para comprar aplausos e triunfos  
e adulações e falsas reverencias  
e perfidos incensos.

Nós temos consagrado o corpo e a alma  
á victoria da cruz e da verdade;  
vós, ás occultas, tendes protegido  
aqueles que as guerreiam.

Vós, a cruz venerais perante os povos,  
para firmardes nella a tirannia,  
e, procurando sempre o mesmo alvo,  
na Grecia a combatestes.

E agora vossa mão estender vindes,  
amiga e protectora...; retirai-a!  
Deus sabe ler no fundo de vossa alma,  
e os perfidos castiga!

Quando a árvore é tenra e o norte a agita,  
carece de um apoio; mas, um dia,  
ingrossa, robustece, e só lhe basta  
a seiva e o vigor proprio.

Gregos! com força segurai os gladios,  
os olhos levantai para as alturas,  
e contemplai na mão da providencia  
vossa protecção unica.

E se ella vos faltar e as vossas armas,  
antes oiçamos nas montanhas nossas  
nitrarem, outra vez, dos ottomanos  
os alasões selvagens,

do que... Pois quando a tirannia é cega,  
e quando se desmede e se requinta  
em crueldade, mais prestes as cadeias  
da escravidão estalam!

Não me desvaira o odio; arranco apenas  
da minha pobre lira uns sons dispersos,  
e medito, de pé e fronte erguida,  
á beira do meu tumulo.



## NO CAMPO

— Bom dia, Jacques; estás hoje triste?  
— É fruto do trabalho, meus vizinhos;  
cança-se a gente a desbravar maninhos  
e nem a planta nem o grão resistê  
á aridez do terreno.

— Ainda assim,  
tu amanhaste os campos do morgado;  
deram boas searas, e por fim,

salva a renda, terias compensado  
a despesa, as fadigas e o cuidado.  
— Graças a Deus, o trigo nasceu bem;  
correu-lhe favorável a estação;  
porém a aveia amesquinhou-lhe o grão,  
e, como aos pobres um mal só não vem,  
rebentou uma negra tempestade  
e das espigas rechaçou metade.  
Quando nas eiras se mediu o pão,  
correu-me pelo corpo um calafrio  
e a tristeza cobriu-me um coração:  
é que eu tinha de dar ao senhorio  
um moio e dez alqueires de pensão,  
e depois mesmo de estremado o joio,  
vi que, joeirado, apenas tinha um moio.  
Procurei o morgado: dizem delle  
que tem nobreza na alma e nos brazões;  
expuz-lhe as minhas tristes condições,  
e pedi-lhe que ao menos, por piedade,  
só me exigisse o pão que deu a herdade.  
Não quiz ouvir-me. Quando entrei em casa,

meus filhos dormitavam na soleira,  
cançados já de trabalhar na eira.  
Despertei-os. Tomaram sobre os hombros  
o pão que elles haviam joeirado;  
levaram-no aos celleiros do morgado,  
e uns miseros lençóes dei á pinhora,  
por completar a renda espoliadora...  
Na primavera e no verão calmoso,  
trabalhei, dia a dia, mas ao fim,  
não há para o trabalho, para mim,  
uma hora sequer de paz e gôso.  
Por isso eu intristeço. A fome e o frio  
vão sentar-se comigo no meu lar;  
e, quando vir meus filhos esfomeados,  
eu, triste pai, só poderei... chorar!

---

## DO HOSPICIO AO CARCERE

Infeliz que não sabes quanto é doce  
esta palavra — māi,—  
se a māi, que te gerou, cruel não fosse,  
dirias tu também:

— Abre-me o teu regaço, māi querida,  
deixa-me descansar  
da luta ingloria que nos gasta a vida,  
fóra do nosso lar.

És-me no mundo nova providencia,  
que ampara, vê, conduz ;  
e nas trevas que innoitam a existencia  
surges, propicia luz.

Em meu seio tu vês o que se passa  
e que o labio não diz,  
como através dos gelos de uma taça  
os átomos subtís.

Quando te vejo, livida assucena,  
ao pé da minha cruz,  
fazes lembrar a triste nazarena.  
ao pé do seu Jesus.

Se alegre estou, sorris: e, se eu padeço,  
padeces tu tambem.  
De tanto amor ainda ignoro o preço,  
oh minha doce māi ! —

Infeliz ! desconheces os afagos  
de um collo maternal !  
nunca sentiste aquelles beijos magos  
de um amor sem rival !

Vieste á luz em dia malfadado :  
a māi que te gerou  
involveu-te na faixa do engeitado  
e ao hospicio te lançou.

Cresceste ; e a mão dos homens, previdente,  
foi-te d'ali tirar.  
Sentiste fome e sêde ; mas vanamente  
quizeste trabalhar.

Fecharam-se-te as portas da officina  
e o templo da instrucção ;  
e disseram-te : busca a māi ferina,  
que te dê casa e pão.

O desherdado as ancias não comprime,  
quando se vê á sós.

Olhaste em roda. A tentação do crime  
sorria-te feroz.

A um lado viste, em vez de fome e sede,  
o abismo... salvador;  
e tiveste a coragem do que mede  
o abismo sem pavor.

No seio escasseava-te a semente  
de uma affeição sequer:  
nunca apoiaste a face docemente  
num seio de mulher;

nunca te demoraste junto á imagem  
dos que nos querem bem;  
nem te adoçou o coração selvagem  
um ósculo de māi !

E depois, que devias tu ao mundo  
que te expelliu de si,  
e que, ao pé do martirio mais profundo,  
contente folga e ri ?

E o odio, em vagas turvas reservendo,  
os olhos te empanou;  
e, num gesto de hiena, alegre e horrendo,  
ao seio te apertou.

Tu, que não conhecias a esperança  
nem arrimo de alguem,  
ficaste sendo filho da vingança  
e conheceste mā...

Hoje... segues a trilha que abrolhosa  
ao carcere conduz;  
e hoje a visão do crime pavorosa  
é quanto te seduz.

---

Se, ás vezes, de teus labios rompe a furto  
algum perdido ai,  
do hospicio ao carcere o caminho é curto :  
vai teu caminho, vai !

---

## **DEZEMBRO**

Pára o mendigo em sitio solitario.  
Não acha quem o acoite.  
E ao longe o campanario  
tristemente annuncia a meia noite.

A neve cai em flocos na calçada,  
desdobrando um lençol alvinitente;  
e lá se estira o misero indigente  
nessa cama gelada.

Dorme? Não sei. O sono é-lhe talvez  
como o que afaga a estátua de um moimento.  
Hirtos os membros e nevada a tez,  
fluctúa entre a vida e o passamento.

O silêncio apavora,  
engendrando visões luciferinas;  
só, donde em onde, a ave nocturna chora  
de um negro pardieiro entre as ruinas.

Ao longe, numa gothica janela,  
de argenteo candelabro esmaia a luz.  
É findo um baile, e um camarim se estrélla  
sobre a ventura que ali chove a flux.

Cai a neve, incessante,  
transformando-se em alvos pavimentos.  
Tudo silencio. Mas, após momentos,  
passa nas trevas um rumor distante.

Faustosa sege se approxima em breve  
do interpecido vulto  
que entre montões de neve  
repoisa meio occulto.

Mas a sege não pára um só instante,  
ao tropeçar no vulto miserando.  
Ouve-se o extremo ai do agonisante,  
e a sege... vai rodando.

---

## A PRIMAVERA DOS POBRES

— Sou pobre! eu te offereço  
quanto possue um pobre:  
o preito, em que se encobre  
inextimável preço.

Aceita, ó primavera,  
virgem immaculada,  
a saudação sincera  
do que não tem mais nada!

Já vai noutro hemisferio  
o inverno pobricida,  
o algoz de tantas victimas,  
a hiena infurecida !

Passou amaldiçoado,  
como se um lobo hidrófobo,  
ardendo em raiva e furia,  
cruzasse o povoado.

Passando, foi erguendo  
o tecto dos colmados,  
juntando um uivo horrendo  
aos ais dos desgraçados.

Passando na lareira  
que os velhos aquecia,  
levou na ventania  
a chamma derradeira.

Passando pelas ruas  
nas asas do aquilão,  
gelou crianças nuas  
que iam pedindo pão.

Passando na morada  
do inferno agonisante,  
deu uma gargalhada  
e foi correndo avante.

Já vai noutro hermísterio  
o inverno pobricida,  
o algoz de tantas vítimas,  
a bienia infurecida !

Livrar-nos tu vieste  
da assoladora fera,  
ó doce primavera,  
irradiação celeste !

És mais do que a alegria,  
é um olhar de Deus,  
velando a côr sombria  
dos tristes dias meus.

Estendes sobre o limo  
teus braços luminosos,  
e nelles me sublimo  
aos inefáveis gosos.

Entranhast-te nos carceres,  
benigna primavera,  
e, despertando jubilos,  
dizes a alguém — espera! —

O velho intorpecido,  
se vais beijar-lhe a choça,  
ergue-se, e agradecido  
saúda-te, e remoça.

Revestes, sobredoiros  
de clámide fugiente  
o bando soridente  
das criancinhas loiras.

Lanças na terra, a flux,  
lençóis de mago alvor,  
e faixas de calor,  
e tunicas de luz...

E vêm os pobresinhos,  
do frio já libertos,  
sorrir aos teus carinhos  
nos seus portais abertos.

Nos lares esfriados  
teu halito revoa:  
como és piedosa e boa,  
ó mãi dos desgraçados!

Vivificante essencia,  
tépida luz vernal,  
pródiga esflorescencia,  
murmúrios do choupal,

salvè! a miseria acclama  
e adora e beija e abraça  
quem este mel derrama.  
no cálix da desgraça.

Aceita, ó nivea fada,  
benigna primavera,  
a saudação sincera  
do que não tem mais nada! —

---

## **PROGREDIOR**

O templo estava aberto, o templo do trabalho !  
brilhavam sobre o altar — cinzel, escopro e malho;  
e os canticos da industria, erguendo-se até Deus,  
falavam-nos de paz, e enchiam terra e céus !

O mundo, então feliz, das suas cinco partes  
romeiros enviava ao pantheon das artes:  
filhos de estranho clima e raças desiguais  
vinham trocar ali amplexos fraternais !

— Vinha o fellah do sul, os servos do occidente,  
os esquimaus do norte, os párias do oriente !

E quem chegava ali, romeiro do porvir,  
transpondo o umbral do templo, ia este canto ouvir :

## I

— Hontem, era sosinho, e triste, e desprezado ;  
era o informe reptil que o viandante esmaga :  
em vez de paz e amor, em vez do bem que afaga,  
eu tinha solidão, miseria e dôr, ao lado.

## II

Que me importou a mim o sol do meu oriente,  
abraçando o palmar, e iriando a cachoeira,  
se o pranto me fugiu nas aguas da corrente,  
se o pária suspirava á sombra da palmeira !

## III

Trabalha,— disse a fome; — e o escravo trabalhava;  
e a consciencia, só, mostrava-lhe o futuro,  
que havia de rasgar esse horizonte escuro,  
lançado por Satan na intelligencia escrava !

## IV

Mas, na vigilia acerba, em que eu sonhava afflito  
a hora do resgate, alcei de Harmodio o braço,  
e ergui da liberdade o alti-sonante grito  
que vôa, e que transcorre os tempos e o espaço !

## V

Meu grito despertou o generoso Graccho,  
e foi repercutir-se em plainos de Farsalia;  
reboou pelos céus da harmoniosa Italia,  
e armado o repetiu o intrepido Espartaco.

**VI**

Embalde ! — a servidão, feroz, ligando ia  
o misero colono á gleba e ao castello,  
embora protestasse a heroica Jacqueria !  
embora erguesse a fronte o audaz Masaniello !

**VII**

E, em quanto eu revelava a força misteriosa  
que ergueu do Vaticano a cupula gigante ;  
e unia á historia da arte, em pagina brilhante,  
brilhantes creações de Angelo e Cimarosa ;

**VIII**

em quanto o braço meu ás nuvens levantava  
a basilica santa e as pedras da muralha ;  
e em quanto o mundo inteiro, absorto, contemplava  
o Louvre e o Escurial, Westminster e Batalha :

## IX

meu nome, que doirara o pantheon da historia,  
 meu nome, que ante Deus e os homens tanto exprime,  
 meu nome,— era ignorado ! e o anonimo sublime  
 era faminto e nú ao pé da sua gloria !

## X

Miseria e servidão — fundissimo problema,  
 na caixa de Pandora, aos olhos encoberto !  
 quem limar poderia a secular algema,  
 e quem responderia á esfinge do deserto ?

## XI

Pensei, lutei, venci ! — a força, a prepotencia,  
 que aviltara o trabalho, e que esmagara o artista,  
 teve de ceder campo á esplendida conquista  
 feita pelo direito em pró da intelligencia !

## XII

Hoje, estendo o meu braço, e ligo os continentes;  
dilato o meu domínio — a industria, o mundo novo;  
repillo o crime e o ocio, abraço os innocentes,  
e digo ao forte e ao fraco: — hei de salvar o povo !

## XIII

Romeiros, amanhã, as bençãos que eu espalho  
hão de accender no alto o sol dos novos dias.  
Se alguém vacilla em crer na luz das profecias,  
homens de pouca fé, eu chamo-me o TRABALHO! —

D'entre a piedosa turba, em que sorria a fé,  
um velho destacava, altivo, erguido em pé,  
ás portas do santuario! O olhar, profundo e vivo;  
neve o cabello e a barba; o aspecto, nobre e altivo;  
as falas, de vidente!

E a turba perguntou:

— Quem és? donde vens tu?

— Quem sou? não sei quem sou!

Sei que aos vossos avós eu embalei o berço,  
e que tenho seguido os povos do universo!  
Venho de toda a parte! É sestro meu andar  
correndo toda a esfera, a ver, a perguntar  
se o mundo vai marchando; e a interrogar as campas  
que a enxada abrindo vai, desde os extensos pampas  
da America florente, até junto aos umbrais  
do indicio pagode, e aos gelos boreais  
onde Ymer, Freda e Odin tiveram culto e altares.—

Fixaram-se no velho attonitos olhares!

A turba ouvia attenta o encanecido ancião;  
deixava-se tomar de assombro e admiração,  
e tudo perguntou:

— Acaso és tu Ahasvero? —

— Que vos importa um nome? ouvide-me; eu só quero  
que, á luz da fé mais pura, o vades soletrar  
na biblia do progresso. Ao meu peregrinar  
não sei marcar principio! — Inda o judeu da lenda

espinhos não trilhava em sua eterna senda,  
e já no meu caminho as flores, mil e mil,  
dobravam-se aos meus pés; e, todo um mar de anil,  
o céu estrellejado a mente me elevava!  
e, do homem ao surgir, a natureza escrava  
curvava-se ao poder do rei da criação,  
formando no seu seio a tribu e a nação!

O homem seus olhos de águia estende pelo espaço,  
e contra a selva rude alevantou o braço:  
onde medrava a sarça, a messe loirejou;  
e, onde rugia o tigre, um canto se escutou!  
Depois, aonde a vida estremecia apenas,  
Palmira a fronte ergueu, Carthago, Roma e Athenas!  
dos meandros florestais, coalhados de reptis,  
surgiu Tiro e Numancia, e Thebas e Memphis!  
e, em meio de areais, no esbraseado Egipto,  
inthronisou-se a industria em moles de granito!

O homem havia lido a sua grande lei!  
a natureza olhou, como senhor e rei,

e disse-lhe : — descobre o seio teu profundo,  
quero marchar e ver ! quero abraçar o mundo !  
sinto-me forte e grande : o mundo é todo meu,  
e como que antevejo o simbolo de Anteu !

E tudo caminhou ! Á vida, á luz, á ideia,  
rasgam-se novos céus ! — nos ermos da Caldeia  
ás nuvens se remonta em asas de condor  
e os astros conta e observa incognito pastor !

Vaguei por nações mil, e ouvi em cada uma  
falar ora Confucio, ora Licurgo e Numa !

E com o tempo andei ! e a sombra, a mais e mais,  
o seu logar cedia a esplendidos fanais :  
hoje era no occidente o Socrates sublime;  
amanhan na Judeia o que expiou o crime  
de ter amado muito e ter prêgado o bem !...

Não pude inda parar ! chamavam-me d'álem  
as luzes da sciencia, o resplendor das artes !

Raiavam novos sões! — o genio de Descartes  
pôde abarcar a terra, e a terra illuminou!  
Kepler, olhando o céu, a orbita marcou  
ao mundo que gravita em volta de outro mundo!  
e Herschell, devassando o céu azul, profundo,  
em pós de ignoto Deus, seguiu com passo igual  
Newton e Galileu, Copernico e Pascal!

Dilata-se a sciencia, ao arraiar da imprensa!  
o espirito remonta á liberdade, e pensa!  
e á voz de Guttenberg, os astros do saber  
nos céus da imprensa vêm, mais vivos, resplender!

Vi renascer a industria! A velha autoridade  
tinha cedido o passo á jovem liberdade!  
e, em novo pantheon, triunfante erguer-se vi  
o mártir do trabalho, o grande Palissy!  
O artista sobe a um throno; e da arte o manto regio  
exorna Raphael, Camões, Tasso e Corregio!

Recrece a força humana! O impetuoso mar

parece ante essa força agora recuar !  
— acurva o dorso ingente á voz que o genio acclama,  
deixa passar Colombo e Laperouse e Gama !

Depois... Era na França ! era lá onde vi  
em dias de tormenta a *Saint-Barthélemy* !  
era no mesmo solo onde já foi gigante  
o despota embalado em braços de baccante !  
era na mesma terra onde a árvore do mal  
cobria ao mesmo tempo o throno e a saturnal !  
era na França ! embora ! — o tempo tinha andado,  
e, ao fim de larga noite, o sol tinha raiado.

O sol ? Não era o sol ! — dos céus na vastidão  
rompeu estranho, immenso, esplendido clarão !  
inunda-se de luz o velho e o novo mundo,  
e cai o despotismo, e arqueja moribundo !  
levanta-se a justiça, e traz ao povo rei  
as tâbuas onde Deus traçára a nova lei !

Rousseau e Montesquieu, que já no pó dormiam,  
na sua obra gigante, em sonhos, se reviam...

Espalha-se e resplende o fogo da razão !  
a voz de povos mil é voz de irmão a irmão !  
e o verbo salvador, como evangelho novo,  
instilla vida nova e nova luz no povo !

De Fulton e de Watt o improbo labor  
rouba ás forças do mundo a força do vapor !  
rasga a electricidade a vastidão do espaço,  
á ideia, ao pensamento accelerando o passo !  
e em torno ao pedestal do seculo da luz  
flores de eterno abril o céu derrama a flux !

Hei de ver mais ainda ! — Os braços do progresso  
hão de entrar do casal no incognito recesso,  
abraçar a indigencia e dar-lhe luz e pão,  
dar flores ao deserto e vida á solidão !  
E eu hei de me banhar nesses immensos brilhos,  
e, levantando a voz, contar aos vossos filhos  
que amastes o trabalho e a luz que é sua irman,  
que inflorastes o berço aos homens de amanhan !

Chamam-me novos sóes e mundos que adivinho !  
Comigo caminhai ! segui o meu caminho !! —

E o velho caminhou ! viram-no sempre andar,  
transpôr os alcantis, o valle, a selva, o algar,  
e os passos dirigir ao lucido oriente  
onde costuma erguer-se a aurora resplendente !

Saudemol-o, o bom velho ! Esqueceremos nós,  
ó filhos do progresso, aquella augusta voz  
que diz ás gerações — amor, futuro e gloria ?

A voz do peregrino era o pregão da historia !





## POST-SCRIPTUM



## POST-SCRIPTUM

• •

Morreu há pouco um incansavel e fervoroso operario da civilisação moderna, a quem eu dedicava particular veneração, sobejamente retribuída por algumas palavras benevolas, que eu arquivarei como um dos raros estimulos qne ainda se nos deparam em meio dos desalentos da vida litteraria.

Chamava-se Michelet.

Admirei-o na sua *Historia de França* e na sua *Historia romana*. O seculo que produzira Herder na Alemanha, lord Macaulay na Inglaterra, na Hispanha Castelar, em Portugal Herculano, arrancou de uma officina tipografica o genio de Michelet, e deu á França o seu primeiro historiador.

Estudei-o nas suas *Origens do Direito*. Guiado por Grimm, imbrenhou-se nos mais obscuros problemas da historia juridica, e brindou-nos com o fio de Ariadne á entrada dos mais tortuosos labirintos das sciencias historicas.

Deliciaram-me os traços inspirados que, da sua mão de

artista, caíram na tela daquelles quadros que têm por epígrafe — o *Mar*, a *Ave*, a *Mulher*.

Mas o livro que mais reflecte a grandeza daquelle coração; o livro que mais espelha a alma profunda e simpática do grande pensador; o livro que, entre os de Michelet, me deve mais entranhado affecto, é o que se inscreve *O Povo*.

Dado á luz em 1846, anno em que o desconhecido autor destas linhas, num desconhecido logarejo de Portugal, abria os olhos á luz, parece que o destino associara desde logo a minha simpatia áquelle grande e formoso livro.

Filho do povo, amei aquellas paginas escritas para o povo e por um filho do povo escritas. A proporção que eu ia cotejando com ellas as lições de uma precoce experientia, e á proporção que a arte me vinha acenando com as miragens da poesia, mais se me gravavam na memoria passagens como esta :

— «Acreditaram os romanticos que a arte residia principalmente na desformidade. Acreditaram que os effeitos de arte, os mais infallíveis, estavam no desforme moral. Pareceu-lhes mais poetico o amor caprichoso e errante, do que a familia; mais poetico o roubo do que o trabalho, e a calceta mais poetica do que a officina. Se, através das proprias dores, descessem ás profundas realidades da vida desta epoca, teriam observado que a familia, o trabalho, o mais modesto viver do povo; encerram em si uma poesia santa. Sentil-a e mostral-a não é tarefa de maquinista; não é necessario juntar-lhe effeitos theatrais: o que é preciso é ter olhos habituados a esta doce luz, olhos para ver na

sombra, no pequeno e no humilde, e um coração que auxilie a vista nestes recessos do lar, nestas sombras de Rembrandt.» —

Senti quanta verdade ia nisto, e consagrei à poesia do povo algumas horas de trabalho. Daqui *O Poema da Miséria*.

Nos tempos que vão correndo, tempos em que o problema do proletariado supplanta os problemas políticos e religiosos, põe em actividade os laboratórios da ciência moderna e percorre electricamente todos os órgãos do corpo social, não vem fóra de ponto inquadrar nas molduras da arte as paisagens melancólicas da miséria, o reflexo das aspirações do povo, e as tábuas da lei nova, escritas pela justiça no alto deste Sinai moderno, a que chamamos — consciência humana.

Os que de boa fé lerem *O Poema da Miséria*, não o tomarão por um livro de propaganda demagogica; mas por um livro de arte, um livro de coração e um livro de consciência; verão, demais disso, que me não alistei num apostolado inutil; e, se não fóra o mesmo que ajustar a um edifício modesto um portico magestoso, diria eu deste livro o que o poeta da *Lenda dos Séculos* dizia merecidamente dos seus *Miseráveis*:

— «Enquanto existir, por efeito das leis e dos costumes, uma condenação social, creando artificialmente infernos em plena civilização, e complicando com uma fatalidade humana o destino que é todo sobre-humano; em quanto os tres problemas do seculo — a degradação do homem

pelo proletariado, a quēda da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas,— nō fôrem resolvidos; emquanto, em certas regiões, fôr possivel a asfixia social; ou, noutrós termos, emquanto sôbre a terra houver ignorancia e miseria, não serão os livros como este, de certo, inuteis.» —

/ . . .

O texto deste livro evidentemente reclama alguns esclarecimentos e annotações.

Já está dito que as notas são para quem dellas precisa. Num livro consagrado ao povo, exige o commun senso a maxima clareza: lançar no seio das multidões as sentenças anfibologicas do oraculo de Delfos, será embellecar os simples, clamar no deserto, mas nunca evangelisar ideias, nem levar claridade a espiritos innoitados.

Isto vem como justificação prévia de umas ligeiras divagações historicas e litterarias que ao diante seguem.

. . .

Antes de mais nada: não sei se alguem me pedirá contas pela orthografia usada neste livro. Não me desvelará isso as noites, nem agora me leva a consignar neste passo as minhas convicções sobre tal materia. Aos etimologistas exigentes já dei algumas explicações em as notas de outro livro meu, (*Tasso*, not. I) e para lá remetto os que se não enfadam com estes assumptos.

... *Valmiki, Firdusi...* (pag. 8). — *Valmiki* é o poeta a quem os hindús atribuem a composição do poema épico, o *Ramayana*, um dos mais assombrosos monumentos da antiquíssima literatura sanskrita. Deixei deste poema notícia mais ampla no *Instituto*, vol. xvii.

*Firdusi* é o poeta que escreveu a celebre epopeia persa, o *Shah-Naméh*, em que se celebram as façanhas de Gussasp, Dschemchid e Isfendiar. *Firdusi* quer dizer — *poeta do paraíso*.

Desta epopeia temos a moderna traducção, feita pelo habil orientalista M. Molh.

*Um, chama-se Espartaco; o outro, Bonhomme*, (pag. 32). — Entre as diversões predilectas do povo romano sorbesaia o combate dos gladiadores. Os gladiadores eram tirados dentre os prisioneiros de guerra, dentre os escravos, ou dos homens livres que, por uma indigencia extrema, se resignavam a exercer aquella profissão: para divertir o povo, eram obrigados a combater na arena uns contra os outros, ou contra animais ferozes. De ordinario, eram escravos.

Corria o anno 73 antes de Christo. O cavalleiro romano Lentulo Baciato dava ao povo um espectáculo de gladiadores. Duzentos dentre estes resolvem quebrar as algemas e conquistar a liberdade. Denunciados porém, armam-se de

machados e espetas, saem da cidade e fortificam-se no Vesuvio. Espartaco é o seu principal chefe.

Espartaco derrota em várias refregas as tropas romanas. A victoria redobra-lhe o ânimo e aumenta-lhe o partido : chega a commandar 70:000 escravos.

Rechaça as legiões dos consules Gellio e Lentulo, e vence os pretores Manlio e Cassio.

Roma apavora-se. O senado indigna-se contra os consules vencidos, dimitte-os, e envia contra Espartaco o pretor Licinio Crasso, á frente de seis legiões.

Entrementes Espartaco derrota ainda o pretor Tremellio. Obrigado porém a aceitar a batalha decisiva que lhe offeria Crasso, fere-se a luta nas margens do Silaro.

Espartaco precipita-se corajosamente no seio dos inimigos, numerosos, disciplinados e aguerridos ; procura bater-se com o pretor, mata dois centuriões, e cai entre os cadáveres de quarenta mil escravos.

Roma ficou em paz, accrescenta um escriptor; e os gladiadores e os escravos retomaram o jugo...

Diga-se alguma coisa de Jacques Bonhomme. Chamalhe algumas chronicas Guilherme Callet, e merece um lo-  
gar distincto entre os mártires da liberdade.

O seculo XIV é uma das paginas mais negras da historia do feudalismo em França. A decadencia da monarquia déra força aos senhores feudais, e todo o castellão se tornou dominador absoluto da pessoa e fazenda dos seus subditos.

O povo dos campos, o laborioso agricultor, o servo da gleba, soffreu naquelle época a mais estupida e feroz op-

presso, que é possivel imaginar-se. Os senhores roubam-lhe o alimento quotidiano, incendiavam-lhe as habitações, violavam-lhe mulheres e filhas, exploravam-no e torturavam-no com uma soffreguidão de canibais.

O povo, cançado de soffrer, levantou aquella bandeira negra e terrivel que tinha por mote: — «os nobres deshonram e opprimem a França.» —

A insurreição, dirigida por Bonhomme, rebentou a 21 de maio de 1358, na provincia da Ilha-de-França.

Os nobres invocaram o auxilio do rei de Navarra, que derrotou 3:000 *jacques*, como por escárneo se chamava aos paisanos; mas a refrega decisiva foi em Meaux, a 9 de junho, em que o conde de Foix trucidou mais de 7:000 paisanos.

E os nobres continuaram o seu caminho.

*Gilbert na miseria*, (pag. 36).— O poeta satirico deste nome é considerado como o Juvenal do seculo XVIII. Natural de Lorena, onde nasceu pobremente em 1751, foi viver em Paris, onde esperava encontrar protecção e fortuna. A esperança mentiu-lhe: algumas satiras que o talentoso poeta dirigira aos enciclopedistas atrairam-lhe inimizades, perseguições, e a fome.

Amparado algum tempo pelo arcebispo de Paris, veio a morrer na miseria em 1780, contando apenas 29 annos de idade.

Antes de morrer, escrevera o seu conhecido epitafio, que pode verter-se assim:

«Conviva desdito, um dia me assentei  
ao banquete da vida;  
mas foi um dia só; e agora morrerá,  
sem que ninguém me vá chorar piedosas lágrimas  
na funeral jazida».

pobrAses rimas que a Gilbert consagrei, depois da leitura das suas poesias, poderiam consagrarse a qualquer dos numerosos poetas, que embora ricos de inspiração e talento, morreram na miseria, victimados á ingratidão dos seus contemporâneos. É extenso esse martirologio, e, a cada pagina, apparece um nome destes: Homero, Milton, Camões, Cervantes, Ariosto, Dufresny, Malfitâtre, Hegésipo Moreau, La Harpe, Molière, Dryden, Spencer, Butler, Chatterton, e quantos outros!

\* \* \*

*O esquecimento*, (pag. 47).— Esta composição, que já não é desconhecida para uma parte do nosso público, suscitou apreciações várias sobre a minha feição *realista*.

Vou a propósito confessar que, quando escrevo versos, cuido pouco das denominações das diferentes escolas literárias, para lhes sacrificar o que me diz a consciencia, o que a arte me ensina, e o que eu reputo bom gosto.

*Idealista* ou *realista*, cedo aos críticos da minha terra, amigos ou indiferentes, o direito de me classificarem a capricho das suas variadas estheticas.

Tem alguma razão aquelle traductor de Herder, que disse: — «*En fait d'ouvrages de goût, il faut faire et se taire;*» — o que, amoldado ao caso, pôde traduzir-se: o artista trabalhe, e cale-se.

*Louverture...* (pag. 94). — Quem historiar o grande facto da emancipação dos escravos neste século, não deve esquecer o nome glorioso do bravo Louverture.

Era um negro de aspecto repellente, mas de intelligença viva e sagacidade pouco vulgar.

Aprendeu a ler, e leu em Raynal estas palavras: — «Um dia aparecerá um negro, investido da missão de vingar a sua raça ultrajada». — Desde então, Raynal foi para elle um profeta, e elle o anunciado.

Em 1791, já elle tomava parte numa pequena insurreição de negros, na ilha de San-Domingos; e, dentro em pouco, era coronel, ao serviço do rei da Hispanha. Publicado todavia o decreto da Convenção sobre a escravatura, Louverture liga-se aos franceses, e entrega-lhes os pontos mais notaveis da ilha.

Aprisionado no Cabo o general francez Laveaux, é libertado por Louverture, que por esse facto é elevado a general de divisão e logar-tenente de Laveaux.

Chefe de todos os negros de San-Domingos, pensou em dominar toda colónia, e organisou, e disciplinou para isso, um exercito numeroso.

Começou por lutar com os ingleses, e libertou do domínio delles todo o norte e oeste da ilha.

Empós de uma popularidade immensa, adveio-lhe a proclamação de *salvador de San-Domingos*.

Em 1799, depois da saída do general Rigaud, Louverture fica definitivamente senhor da ilha,

Sobe ao consulado Bonaparte, e confirma-o general em chefe de San-Domingos.

Louverture, julgando realisada a emancipação da colónia, ergue palacios em duas capitais, e nomeia-se presidente vitalicio, separando-se completamente da republica francesa.

O seu governo constitue uma das épocas mais florescentes de San-Domingos.

Bonaparte envia seu cunhado o general Leclerc contra Louverture. A luta fere-se no Cabo, que se rende, depois de incendiado. Ainda assim, Louverture recusa submeter-se, e é declarado *rebelde*, e considerado *fóra da lei*.

Leclerc prosegue tenazmente na luta, e Louverture é obrigado a ceder e retira-se para os montes, onde promove um novo levantamento. Chamado porém traíçoeiramente a uma conferencia pelo general Brunet, é posto a bordo de uma fragata, e transportado a Paris, e d'ahi ao forte de Joux, onde morreu encarcerado, em abril de 1873.

..

*Pedro Bonaparte*, (pag. 120).— Pedro Bonaparte, uma das actuais vergonhas da familia napoleonica, foi, como todos sabem, o assassino daquella entusiasta e sympathica criança que se chamava Victor Noir. O julgamento deste crime foi um dos mais famosos escandalos judiciais dos

tempos modernos, Pedro Bonaparte foi plenamente absolvido: o algoz teve por si a égide do seu nome, e a vítima teve contra si o haver lidado em prol da democracia.

Vai tão proxima a época deste attentado contra a consciencia humana, que não vale a pena entrar já em minuciosidade historias.

O facto indignou, creio eu, todos os que amam a justica. Quando a espada da justica, desviando-se indulgente das eminencias sociais, cai impiedosa e severa sobre os pequenos e os fracos, é justificavel que um homem de consciencia lisa escrevesse os versos a que esta nota se refere.

• •

*Ultimos adeuses*, (pag. 123).— Os *Ultimos adeuses* são o excerpto de um poemeto que há seis annos se publicou em Lisboa. Por vir de molde o assumpto, e achar-se esgotada a edição, julguei que não seria mau aviso transplantar para aqui algumas estrofes daquelle meu opusculo.

Estava no veredor dos meus vinte annos quando rimei o poemeto. Nessa idade, todas as almas são naturalmente líricas, e a imaginação do artista, desatando-se em caprichosos arabescos, raramente permite que a ideia se ingrandeça e o pensamento se avigore.

As exhuberancias de forma, que os escrupulosos notarem acaso no alludido escripto, tem essa explicação e justificação talvez.

. . .

*O pária.*, (pag. 163).— Um dos elementos da velha civilização indiana é o sistema das castas. Segundo a theogonia e a legislação dos hindús, os brahmanes (sacerdotes) constituem entre os homens a primeira classe; os kshatriás (militares e reis) a segunda; os veysias (agricultores) a terceira; os sudras (servos) a quarta e ultima. Os que não pertencem a nenhuma destas categorias são as mais desprezíveis criaturas do genero humano, impossibilitadas de entrar em relações com homens de qualquer classe, e sistematicamente opprimidas. Chamam-se — párias.

. . .

*O voto,*, (pag. 165).— A revolução grega de 1821 é um dos factos mais notaveis e sympathicos na historia deste século, e um dos esforços mais heroicos em favor da liberdade humana.

Esta revolução, que atraíra ao seu seio o maior vulto da moderna poesia ingleza, lord Byron, foi a musa sublime de distintos poetas da Grecia moderna. Entre estes sobresai merecidamente Kalvos de Zante, de quem apresento a versão de uma ode excellente.

Verti em versos brancos aquellas primorosas rimas gregas, para que a fidelidade do traductor deixe entrever o genio opulento do grande poeta.

A ode responde áquelles reis que se lembraram de au-

xitar a libertação da Grecia. Kalvos repeliu a mão hípocrita dos protectores, e os seus versos são um brado veemente contra os opressores de todos os matizes e em prol da dignidade de todos os opprimidos.

Em confirmação do merito de Kalvos, offerecerei áquelles, a quem não é estranho o idioma grego, uma estrofe original do *Voto*, estrofe que é uma scintelha vivissima de um genio deslumbrante :

«An opótan pethiné  
poneros Basileys  
esbin' è nýkta en' astros  
ethelon meinai oliga  
oyránia phota».

Kalvos de Zante residiu algum tempo em França; e, antes de voltar á Grecia, aonde o chamava a libertação da patria, publicou as suas odes, dedicando-as ao general Lafayette. Na dedicatoria, dizia o notavel poeta :

— «Muito pobres para sustentarmos exercitos e frotas; privados de qualquer instituição que nos consolide a liberdade; sem armas para guarnecer os nossos rochedos, lutando contra um inimigo sempre combatido e sempre renascente; rodeados de ciladas pelos governos christãos que se mancommunaram com os inimigos do Evangelho; assaltados pelos offerecimentos perfidos de uma protecção que o nosso povo não pede, succumbiremos acaso ? Não, general : Deus e o desespêro servem-nos de escudo. Uma nação, que olha toda com despreço para os seus adversarios, e com indiferença para o seu tumulo, não pôde ser vencida. Coberta



embora de cinzas e ossadas, a Grecia há de ter quem a vingue; a Europa indignada estenderá a mão sobre as nossas ruinas, e o seu protesto fará estremecer os que têm conspirado contra nós».—

\* \* \*

*Progredior*, (pag. 189).—Se bem que este livro é dedicado a quem nem sempre logra mediana instrucção, deixo passar o termo latino *Progredior*, por se me aficurar que é termo já hoje cosmopolita, e que vai adquirindo direitos de cidade em todos os pontos a que se estendam as conquistas do progresso.

\* \* \*

..... entra (sôfrego)... (pag. 48).—Aquelle parenthesis foi um descuido de revisão; e, como este, alguns mais se commetteram. Assim, na pag. 90, linha 14, lê-se em alguns exemplares:

— Não tremes? (lhe disse elle).—

Deve porém ler-se:

— Não tremes? (lhe disse ella).—

Na pag. 46, lin. 3, em vez de — *desempenhada*, leia-se — *despenhada*. Na pag. 75, lin. final, em vez de *ermo*, leia-se — *erma*. Na pag. 207, lin. ante-penultima, em vez de — *inermos*, leia-se — *infernros*.

Outros descuidos houve por certo na revisão, mas facilmente os corrigirá quem ler.

